



a chama

EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241
Laranjeiras - CEP 22241
Telefone: 205-0796

Supervisão Editorial

Anamaria Prado
Solange Gonçalves Borba

Diagramação e Editoração Eletrônica

Sonia Maria Goulart Salles

Revisão

Margarida Monteiro

Os artigos assinados
são de responsabilidade
dos autores.

Circulação dirigida
2500 exemplares

Impressão

Inds. Gráfs. e Editora Barrozo Ltda.
TEL.: 591-0444

EDITORIAL

A NOSSA MENSAGEM

Bom, é hora de parar. Durante quatro anos a equipe da Associação de Pais e Mestres procurou realizar um trabalho de abertura e valorização de todos os segmentos que formam a Comunidade do Colégio São Vicente de Paulo, buscando, em todas as nossas ações, a integração sem interferência.

Não sabemos se conseguimos atingir nossos objetivos em sua totalidade. Porém o que pôde ser feito foi de forma clara e transparente, com o objetivo daqueles que ensinam a pescar e não de pescadores.

Ao olharmos o tempo que passou ficamos surpresos, pois parece que foi ontem o dia que começamos a nossa jornada como Pais representantes e depois como Casal Secretário, isto há seis anos atrás, o que nos faz lembrar de uma história que contam que "Uma vez perguntaram ao Tempo qual é o Tempo que o Tempo tem e ele teria respondido que o Tempo tem o Tempo que o Tempo tem".

É o momento de agradecer aos companheiros e amigos que conosco levaram esse trabalho e desejar a todos um grande abraço e um muito obrigado.

Ao Michel e à Eliza, Ao Vitor e à Cristina, Ao Firmino e à Solange, Ao Sérgio e à Seimar, da equipe, o nosso abraço fraterno e até um outro dia.

Ao Padre Almeida, Ao Padre Marcelo, da Direção do Colégio, o nosso reconhecimento pela ajuda prestada.

Aos Coordenadores — a Nina, o Zacarias, a Marlene, o Bira, o Claudio Mário, o Arthur — e a todos os professores o nosso carinho pelo apoio que nunca faltou.

Ao Chumbinho, aos Grêmios, aos Alunos o nosso obrigado por nos ter permitido essa convivência do dia a dia que nos levou a repensar o nosso papel de Pais e Educadores.

Aos funcionários e às Voluntárias da Caridade a nossa lembrança e o agradecimento por ter permitido poder ajudá-los.

Ao nosso grande amigo Padre Domingos Faria que nos Honrou com a sua amizade.

Para finalizar queremos apenas fazer chegar a vocês essa mensagem:

**"Só não chega quem não vai;
só não ganha quem não joga;
só não consegue quem não tenta".**

Felicidades, um grande abraço

Pedro Paulo / Anamaria

A IDA AO INÍCIO E ASSIM...

CHEGAMOS AO FIM

Anamaria Prado
A.P.M. 1989/1992

Bem... nós vamos chegando, como os mineiros dizem ao irem embora de algum lugar.

Chegamos ao fim para começar de novo, sabendo que valeu a pena ter percorrido a longa estrada, onde a dedicação, a crença e a fé foram as nossas maiores condutoras para a Esperança de um São Vicente, sinônimo verdadeiro de **moradia** de todos aqueles que querem fazer dele um verdadeiro Agente Transformador, libertando-nos – através da crítica – dos preconceitos e preceitos que regem a nossa sociedade oprimida pelos que desejam vê-la falida culturalmente.

Fomos ao início.

Fomos ao Caraça.

Lá, a atual Diretoria da A.P.M. buscou – unida – refletir sobre estes anos de trabalho. Poderíamos dizer que foi o nosso Conselho de Reflexão, onde o texto base foi a história da Congregação da Missão, do Santuário que um dia foi a base para o quê hoje vivemos.

Ir ao Caraça foi um momento importantíssimo para nós, mesmo com a chuva que insistiu em cair



o tempo todo, mas que não nos atrapalhou em nada, pois os objetivos foram atingidos e, até, coroados com uma audição do Coral de Itabira – terra de Carlos Drummond de Andrade – sob um belíssimo carvalho.

O grupo percorreu tudo o que o tempo permitiu que se fizesse; teve no Pe. Tobias o grande Mestre que nos introduziu na história do Caraça e daqueles que por lá passaram: Paiva, Pe. Lauro, Pe. Domingos, Pe. Guerra, Pe. Alfeu

(atual Provincial), Pe. Venuto, José Fernandes (coord. do Supletivo) e outros. Desta forma, passamos a conhecer um pouco mais de cada um que ao longo dos anos vêm construindo o São Vicente.

No Caraça, não matamos o tempo, vivemos o Tempo, o que nos deu a sensação de missão cumprida, uma vez que nestes anos procuramos andar, lutar, arriscar, gritar e não calar nunca, mesmo que pudessemos entrar em discordância, mas a voz que ardia em nosso peito não deixou de cantar a vontade de

participar, de colaborar e de integrar toda a comunidade do S.V.P. à Educação Libertadora.

As palavras finais são sempre as mais difíceis.

Poderíamos, simplesmente, dizer acabou. Mas estaríamos mentindo, pois na verdade, após o Caraça, iniciamos uma nova trajetória, já que estamos conscientes de que não podemos abandonar o aprendizado, e sim complementá-lo, cada vez mais, para que, ao lado de nossos filhos con-

tinuemos, dia a dia, construindo o São Vicente, espaço de dignidade, de vida a ser trabalhado sempre com seriedade, não esperando receber dele, mas dar a ele o que tivemos de melhor, porque só assim estaremos retribuindo o que nos deu, enquanto moradia, nos anos que participamos da Ass. de Pais e Mestres.

A todos que conosco colaboraram, não importa de que maneira, mas que se fizeram atuantes e que nos auxiliaram a obter êxito em nossos objetivos, em todos os níveis; os nossos mais sinceros agradecimentos, pois valeu a pena fazer parte da A.P.M.

Para os que se mantiveram distantes, enviamos uma mensagem:

— As imagens do São Vicente nos chegam meio avassaladoras, mas procurem ler além, fazendo um aprofundamento da leitura da gramática Vicentina. Busquem, também, se identificar com a proposta do Colégio, pois na vida pode-se um pouco de tudo; então exercitem sua capacidade de participação e assim, ansiedades e angústias serão diluídas no convívio da sequência de imagens comuns ao colégio e à nossa família, de uma forma bilateral.

Nosso carinho especial ao bom e amigo Pe. Almeida que nos acompanhou por tantos anos, procurando sempre nos compreender, nos aconselhar e, principalmente, nos dar liberdade para buscar no São Vicente a integração família-escola.

Por último, um agradecimento ao Pe. Domingos que nos acompanhou em nossa jornada como grande amigo e, até, guia como na viagem ao Caraça, sempre mais nos ouvindo – como bom mineiro – e nos aconselhando em muitos momentos com imensa sa-



bedoria. O nosso carinhoso Adeus cheio de gratidão a todos

vocês que escrevem e fazem o Colégio São Vicente de Paulo.

DEVERIA SER O PENÚLTIMO!

PEQUENA HISTÓRIA DA A.P.M. DO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO

Pe. José Pires de Almeida, CM
diretor do CSVV

12ª DIRETORIA

Presidente:

Benito Leopoldo Diaz Paret
Maria de Lourdes Diaz

Vice-presidente:

César Augusto N. de França Santos
Maria Cristina P.E. Santos

Relações Públicas:

Giobert Antônio Newlands
Vera Maria de Souza Newlands

Tesoureiro:

Raimundo Vieira Chaves
Inês Costa Chaves
Substituído por:

Antônio Carlos de Lima
Maria Janete de Lima

Secretária:

Geysa Marina Bellintani Ribeiro



o futuro Presidente, Sr. Benito Leopoldo Dias Paret com vários filhos no Colégio e com grande presença por ocasião da crise 83/84, já ocupava o posto de Vice-Presidente na Diretoria Rezende Martins.

AINDA 23/11: NOVA CIRCULAR

O Diretor anunciava aos Pais os nomes dos candidatos à eleição e, no próprio dia 23, conjuntamente com o Presidente em exercício, João Carlos R. Martins, assinava a convocação para a Assembléia Geral Eletiva, que referendaria, no dia 29.11.84, a Equipe de Candidatos a Presidente, Vice-Presidente e Diretor de Promoções.

Benito e Senhora aceitaram a candidatura à Presidência; César A. N. França e Senhora aceitaram a Vice-Presidência e Giobert Newlands e Senhora ficariam com o encargo de Casal-Diretor de Promoções. E assim foi. Mais uma vez, ter-se-ia podido parafrasear o romano *habemus Papam* através da exclamação: **Temos Nova Diretoria!** Diretoria sim, e com Presidente tão destacado, que não haveria muita margem à ação da equipe. Habitado ao meio e estilo empre-

sarial, afeito às comunicações de massa, o Presidente Benito tinha o dom de arregimentar valores, em forma de pessoas disponíveis para servir. Em várias circunstâncias, o auditório do Colégio São Vicente se viu povoado de conferencistas, mesas redondas, debates políticos, viu-se renascer o entusiasmo que estivera em recesso com a depressão pós-crise (83/84).

Em tais realizações, Benito tinha, dentro do Colégio, o forte apoio do Pe. Lauro e a ajuda eficaz do Prof. Migdon P. Coelho Gonçalves e de D. Dinah Ribeiro Costa, para efeito de infra-estrutura e comunicação interna, assim como das diversas Coordenações Pedagógicas.

Lamenta-se a total ausência de Atas que não deixa perceber a regularidade das reuniões nem a qualidade de participação dos demais membros... Sabe-se que, caminho andando, o Casal Vice-Presidente deixou de aparecer. A fiel Secretária e o assíduo Casal-Diretor de Promoções, por sua vez, não terão concorrido com iniciativas em seus respectivos cargos; todos, sem dúvida, excelentes pessoas, mas demasiadamente tímidas, aguardavam, melhores oportunidades de aparecer.

O Casal-Tesoureiro igualmente se fez substituir, entrando na vaga, Antônio Carlos Lima e Janete; ele, ex-aluno do Pe. Lauro, teria, na Diretoria seguinte, sua grande participação na edição da Revista A CHAMA que, durante o biênio Benito, ficou em recesso.

O final do 2º ano, 1986, seria a época da mudança de Diretoria, tanto, por várias razões, os prazos não puderam ser cumpridos, tanto mais que uma viagem do Presidente a Cuba, sua Pátria, após longos anos de au-

A 12ª Diretoria da A. P. M. foi o fruto do empenho pessoal do Diretor, Pe. Lauro Palú, manifestado em cartas circulares aos Pais de Aluno. Elas sucederam-se a curtíssimo prazo com idêntico objetivo e conteúdo.

Aos 07.11.84, Pe. Lauro anunciava a data das eleições (previstas para o dia 29 daquele mês) e convidava aos Pais para uma Reunião Preparatória a se realizar no dia 22/11.

Passados dois dias, julgou dever aquecer a mensagem com nova carta-convite.

No dia 23, ele volta ao assunto para prestar contas da reunião de 22. Desta, não há pormenores, nem sequer teve mencionada a frequência, mas, pelo menos, o redator dá conta do saldo positivo da reunião. Foi oficializada uma Chapa de Candidatos, cujo conjunto prometia muito e cujo líder era gente de grande projeção no meio empresarial e de comunicação;

sência o colocou fora de cena por algumas semanas.

Quando, a 18 de dezembro de 86, se reuniu afinal a Diretoria, era de se esperar do Presidente o sinal para se deslançar o processo eleitoral. Estavam presentes à reunião, além do Casal-Presidente, o Casal-Diretor de Promoções, Vera e Giobert Newlands, a Secretária Geysa, o Coordenador Comunitário Mígdon e o Diretor, Pe. Almeida.

De modo formal, o Presidente abriu a sessão com colocação pessoal, declarando-se demissionário em caráter irrevogável e alegando os motivos que o conduziram a tal desfecho; tratava-se de dificuldades de relacionamento entre Família e Escola, em consequência do insucesso de uma filha na promoção à série seguinte.

Havia evidente equívoco de fórum para a questão, mas o "caráter irrevogável" fez com que os demais membros de mesa aceitassem a renúncia e se constituíssem em Diretoria Provisória, tendo Vera e Giobert como Casal-Presidente.

Várias opiniões foram sendo trazidas à tona no sentido de se dissolver o gelo da tensão e tentar encaminhar os passos seguintes, que seriam a convocação de eleições para a Diretoria do biênio seguinte e a Celebração do Natal Comunitário, quando a presença da A.P.M. é sempre requerida.

O Pe. Almeida, em nome da Casa, agradeceu ao Casal Diaz Parat toda a dedicação e competente atuação à frente da A.P.M., rogando-lhes que não privassem de sua presença e amizade tantos admiradores que haviam sabido despertar na Comunidade.

DIRETORIA LUIZ CELSO BALDACCÍ

13ª DIRETORIA

Presidente:

Luiz Celso Baldacci
Maria Aparecida Baldacci

Vice-presidente:

Giobert Antônio Newlands
Vera Maria Newlands

Relações Públicas:

Antônio Carlos Lima
Maria Janete Garcia de Lima

Tesoureiro:

Firmino Antônio Borba Neto
Solange Gonçalves Borba

1º Secretário:

Paulo Roberto Cerqueira de
Carvalho
Maria Lúcia Cerqueira de Carvalho

2º Secretário:

Pedro Paulo Martins Barbosa
Anamaria Prado

O processo das eleições bienais ficou em atraso, saltando de final de 86 para início de 87. A escolha do Casal-Presidente, bem conhecido de outras militâncias, não podia recair sobre pessoas mais aptas e dispostas a colaborar.

Aceitaram sim, mas com a condição de, no 2º ano de mandato, podem, se necessário, passar o cargo ao Casal Vice-Presidente; o Casal Vice-Presidente, Vera e Giobert Newlands, eram igualmente conhecidos assim como, o Casal-Diretor de Promoções, Maria Janete e Antônio Carlos Lima.

No dia do 28º aniversário da Escola, 30 de março de 1987, a Assembleia Geral da A. P. M., consagrou a chapa apresentada e deu à APM sua 13ª Diretoria. Como Secretários, foram convidados 2 casais: Anamaria Prado e Pedro Paulo M. Barbosa; Maria Lúcia e Paulo Roberto; como Tesoureiro, o casal Solange e Firmino Borba.

As características da Diretoria Baldacci foram marcantes:

a) Espírito de equipe. Voltava-se à saudosa tradição, a da Diretoria-Família ou Grupo de Amizade, quando o que conta não é o gesto importante isolado, mas o fruto da ação coletiva, assumida em equipe. Voltaram também as saborosas reuniões de trabalho e amizade entre os membros da Diretoria.

b) Trabalho distribuído. Cada membro da Equipe soube exatamente a própria função; o Casal-Presidente estava presente a tudo, sempre assessorado pela Casal-Vice. O Tesoureiro assumiu a administração e contabilidade; o Diretor de Relações Públicas assumiu a edição da revista CHAMA. Desde o início de 87, a Diretoria não contou mais com

duas preciosas colaborações; a de D. Dinah que deixou de participar da Reunião da A.P.M., alegando razões familiares; a do Prof. Migdon que, por sua vez, trocou as belezas do Rio pela doçura de vida bucólica de sua residência em Bom Jesus do Amparo. A reunião dos demais amenizou a falta dos que se "licenciaram".

c) Reuniões mensais pontuais às 1ª segundas-feiras de cada mês.

d) Disposição de participar em todos eventos da Casa e de se entrosar com as pessoas de todos os níveis.

ATIVIDADES

1. **Missa da "Família"** – Foi restabelecida para funcionar nos últimos sábados do mês, às 17h – Funcionou durante alguns meses; era uma sondagem para ver se a iniciativa correspondia à aspiração geral. Mais uma vez, a resposta foi clara: o esvaziamento progressivo mostrava que a intenção era ótima mas fora da realidade. Continua-se sem encontrar como preencher o vazio de alguma celebração periódica capaz de unir a Família do Colégio.

2. **A CHAMA:** adotada pelo Casal-Diretor de Promoções, A CHAMA estava em mãos experientes e criativas. Dois números de boa qualidade foram produzidos em 1987. Nelles o leitor atento encontrará boa parcela da existência do São Vicente, feito história.

3. Intenso esforço de mediação entre Família e Escola, por ocasião da paralisação do professorado, a fim de que o prejuízo pedagógico dos alunos fosse minorado o mais possível. Os pais têm sido agora mais "cobradores" do que antes, em relação à Escola e afirmam não aceitar soluções "faz-de-conta". Mas a Diretoria da A.P.M. com sua mediação, vai conseguindo soluções aceitáveis, apesar de nem sempre ideais. O mesmo se diga quanto à questão dos reajustes das mensa-

lidades, num tempo em que a legislação parecia orientada para extinguir as Escolas de Livre Iniciativa, sem, contudo, oferecer alternativas no ensino público. A experiência mostrou que o pior caminho para a questão era a Assembléia de Pais onde o fogo cruzado de opiniões, sempre aquecidas do calor da emoção, raramente permitia conclusões justas. Aprendeu-se a optar pela discussão do assunto em pequenos grupos compostos de gente com visão global dos interesses. E aí, a presença da A.P.M. tornava-se imprescindível.

Foi a partir dessa ocasião que a Direção do Colégio assumiu, diante dos pais, graças à compreensão e colaboração da Diretoria da APM, posição clara a respeito do lucro.

Na realidade, muita gente pensa e afirma que a Escola religiosa, de fins sociais ou não lucrativos, tem que abster-se de saldo administrativo.

Por outras palavras, a Entidade Mantenedora (a Província Brasileira da Congregação da Missão no caso o Colégio São Vicente de Paulo) teria de "pagar para trabalhar".

O esclarecimento que se passou a dar é no sentido de que PBCM, enquanto Instituição Missionária em favor dos necessitados, tira da boa administração de seu patrimônio os recursos materiais para o sustento das obras missionárias em várias regiões carentes, assim como para a formação e "reciclagem" de seus membros jovens, procedentes, quase todos, de famílias modestas.

4. Criação da Chamativa.

Esta Folha era desejada como alternativa a ACHAMA, que não circulou em 85 e 86. Como, entretanto, um número da Revista oficial acabara de sair a lume e outro se programava para o final do ano, a "Chamativa" só iria aparecer em 88, quando ACHAMA voltaria a se apagar.

5. Vinda de Ex-Alunos ilustres ao Colégio.

Bem pensada, bem elaborada foi também muito bem sucedida a vinda do então Governador de Alagoas, Fernando A. Collor de Melo,

assim como a do Deputado Federal Cássio Cunha Lima ao Colégio São Vicente, de que são ex-alunos. Ambas ocorreram no 2º semestre de 87, como oportuna realização da Diretoria da A.P.M., de pleno acordo com a Direção da Casa.

5.1 De início, pensou-se em reunião conjunta, a modo de mesa redonda, sendo figurantes o Governador de Alagoas aluno fundador nos anos 1959/60 e 61 e os Deputados Federais Jessé Pinto Freire, Cássio Cunha Lima e Aécio Neves Cunha, ex-alunos.

A realidade se impôs, mostrando ser quase impossível reunir tantos monstros sagrados. Então, optou-se por trazer primeiro os parlamentares. Jessé Pinto Freire, Deputado Federal aos 24 anos pelo Rio Grande do Norte e já em 2º mandato, achava-se gravemente enfermo de leucemia de que viria a falecer em 12 de novembro de 1988.

Aécio Neves da Cunha, neto do Presidente Tancredo, havia prometido comparecer, mas, no dia apazado, 11 de setembro, veio telegrama comunicando a impossibilidade da vinda. É que a chegada a São João Del Rei de outro ilustre personagem, D. Lucas Moreira Neves, recém-vindo de Roma como Arcebispo de Salvador-BA, o obrigava a ir também ao berço da família para fazer as honras da Casa.

Resta felizmente o Deputado Cássio Cunha Lima, eleito aos 23 anos e então com 24; ele transformou aquele encontro em momento de glória para o Colégio que o ajudou a se preparar para a vida pública. O acontecimento ficou bem registrado na ACHAMA de nov. 87. Cássio, com aparência adolescente, impressionou o farto auditório pela desenvoltura do discurso sobre as complexidades da constituinte em andamento e não deixou sem resposta satisfatória uma só questão pertinente. Foi aplaudido de pé, depois de afirmar que todo impulso transformador que buscava imprimir ao exercício do mandato parlamentar fora aprendido no Colégio São Vicente, onde cursou

praticamente todo o 1º e 2º Graus.

5.2 A presença de Collor foi igualmente marcante e aplaudida, quando discursou sobre o início do Colégio, lembrando seu espírito de liderança e participação, fundando, mesmo, um jornalzinho, "O Trolley", para, afirmava, fazer oposição ao jornal oficial "ARA" que outro grupo editava. Compareceram diversos ex-alunos, antigos colegas do Governador e bom número de membros da Comunidade Sanvicentina interessados em conhecer melhor seu programa "anti-marajá" que esboçava em todo o país.

Ressalte-se o carinho com que, aluno fundador, se referiu ao Colégio São Vicente de seu tempo, de que recordou várias peripécias já adormecidas em nossas memórias anciãs.

Na última reunião oficial do ano, ciente de que o Casal-Presidente não completaria o biênio, o Diretor expressou a Cidinha e Baldacci os agradecimentos da Escola por mais este serviço que acabavam de prestar através do mandato da A.P.M.; agradeceu-lhes particularmente a presença assídua e amiga, tão importante naqueles tempos de dificuldades administrativas e de difícil trânsito entre Escola e Família. O funcionamento da A.P.M. do São Vicente, durante 27 anos contínuos era, por si só, garantia de solidez institucional e da mediação competente e eficaz no dedicado relacionamento entre os dois pólos, até que Pais e Escola conseguissem passar da mal disfarçada desconfiança ao diálogo construtivo.

No reinício das atividades, em março de 88, Baldacci e Cidinha ainda presidiram à 1ª reunião da Diretoria e à Assembléia Geral com que se comemorava o 29º aniversário do Colégio. Então, passaram a faixa presidencial ao Casal Vice-Presidente, Vera e Gilbert Newlands que deveriam garantir o 2º ano do mandato, já que, devendo cursar a E.S.G. Baldacci não poderia assumir nenhum outro compromisso...

A PROPÓSITO DOS CURSOS DE ICH

Hugo de V. Paiva
Coordenador Acadêmico do CSVP

O Colégio São Vicente introduziu, desde 1984, no currículo do 2º Grau, um conjunto de cursos optativos, apelidado de ICH pelos alunos. ICH quer dizer "Iniciação às Ciências Humanas". Oferece cursos de Política, Sociologia, Psicologia, Artes e Sociedade, Religião, Filosofia e Sexologia.

No início do semestre, antes da matrícula, cada professor visita as turmas. Expõe os conteúdos principais do programa, os objetivos e o método. Os alunos podem sugerir modificações. Cada aluno escolhe dois cursos por ano, um em cada semestre, com duas horas semanais de duração. Aos professores é deixada suficiente autonomia para inovar. Eles se reúnem, semanalmente, para avaliar o trabalho e estudar algum assunto de interesse comum.

A adoção dos cursos de ICH visou equilibrar o currículo do 2º Grau. Por causa do predomínio das ciências exatas corria-se o risco de reforçar uma cultura ou pelo menos uma mentalidade tecnicista. O Colégio esperava, e ainda espera, com as ciências humanas, multiplicar as oportunidades de desenvolver o pensamento crítico e o discernimento entre posições contrárias e nas situações confusas. Aptidões indispensáveis a adolescentes e jovens de uma sociedade regida pela lei do lucro e da utilidade. Marcada por toda sorte de conflitos. Conflitos econômicos, políticos e religiosos, de cor, de sexo, de gerações, etc. Jovens e adolescentes terão, cada vez mais, de assumir posição clara diante desses conflitos.

Hoje, eles frequentam lugares, antes reservados apenas aos adultos. Há uma tendência a antecipar a maioridade civil e política. A legislação lhes dá o direito ao voto e à carteira de motorista. Mesmo os adolescentes são convocados a uma participação social cada vez mais ativa.



Uma sociedade que assim procede tem a obrigação de proporcionar ao jovem, por um lado, o conhecimento dos deveres e responsabilidades, impostos ao conjunto dos cidadãos. E, por outro, o domínio dos instrumentos indispensáveis para não ser presa fácil do consumismo, para superar o "achismo", o discurso panfletário e se comprometer com mais lucidez.

A escola não é a primeira responsável e nem o local privilegiado desta formação. É, no entanto, aquele em que se pode fazê-la de maneira sólida e metódica.

Os cursos de ICH colocam à disposição dos alunos, embora de forma elementar, recursos que podem levar à conquista destes objetivos.

Os programas não seguem uma organização tradicional. O que é determinante são as situações-problema, vividas pelos adolescentes e jovens. A partir daí é que se abrem possibilidades de análises mais amplas e complexas.

O professor de Filosofia, por exemplo, não ensina filosofia a começar dos filósofos gregos, como nas sínteses clássicas. Seu papel primordial é iniciar na arte de pensar proble-

mas como os ligados à liberdade, à procura da verdade, ao amor e outros. A seguir, o confronto com o que pensaram os filósofos sobre as mesmas questões.

No curso de Arte e Sociedade, o aluno descobrirá que está mergulhado no universo da imagem, das cores e dos signos. Há, neste mundo, um conteúdo que é revelador do homem, de sua história, de seus problemas e de novas formas de comunicação. Vivemos imersos numa inflação de imagens, mas não sabemos nos comunicar com elas. É preciso educar nosso olhar para que saibamos ver.

Certamente, não cabe só aos professores de ICH a tarefa de formar o discernimento e o pensamento crítico e de educar para o comprometimento. Todos, no Colégio, sem excluir os professores das chamadas ciências exatas, devem contribuir para a compreensão das raízes históricas e culturais de nosso tempo e das questões que envolvem a vida cotidiana.

Os professores não são formadores de recursos humanos, a saber, de físicos, químicos, geógrafos, etc., mas de cidadãos ou pessoas aptas a assumir responsabilidades e a estabelecer relações humanas, justas e fraternas, no meio em que vivem, convivem e agem.

A escola do passado dividia as matérias em humanidades e ciências exatas. Aquelas eram para a perfeição do sujeito. E estas, para a perfeição do objeto. Tal divisão pertencia a um tempo em que se compreendia o humanismo como algo a recuperar do passado. Hoje, a tarefa é outra. Trata-se de construir uma sociedade mais humana, mais democrática, justa e fraterna. Trata-se não de um humanismo a recuperar, mas a construir. E todas as disciplinas, todo o currículo, não somente os cursos de ICH, têm uma contribuição a dar.

RECUERDOS DE YPACARAI



Pe. José Pires de Almeida
Diretor Geral do CSVP
Solange Borba
Professora do 1º Grau II e
Tessoureira da A.P.M.
Anamaria Prado
A.P.M. 89/92

Recordar sempre traz lembranças de bons momentos, mas Ypacarai só nos recorda o grande susto que parte da família Sanvicentina levou no final de 1991 (um pouco antes do Natal).

No dia 2 de dezembro, Pe. Almeida viajou ao Paraguai para participar da CLAPVI — Conferência Latino Americana das Províncias Vicentinas, uma reunião extraordinária para aprofundamento da vida, da obra e do espírito de Santa Luisa de Marillac por ocasião da comemoração do 4º centenário de seu nascimento. Deveria regressar dia 8.

No meio desta caminhada, chegou-nos a notícia de que Pe. Almeida encontrava-se internado, ao que parecia com um problema cardio-vascular e com o agravante de não se conseguir um contato direto para notícias mais precisas. Como se diz, notícia ruim chega logo.

O São Vicente quase infartou, enquanto Pe. Almeida, superada a indis-

posição, continuava a participar do encontro.

Um alimento indigesto, servido a bordo do avião em que viajou, provocou o distúrbio dando, inclusive, idéia de um quadro semelhante ao provocado pelo vírus da cólera. O atendimento médico preciso numa clínica seguido de repouso na casa das irmãs vicentinas em Assunção, que o cercaram de todos os cuidados, resolveu a questão em si, enquanto por aqui as dimensões do quadro clínico aumentavam, até chegar a um infarto.

Mobilização geral. Missas, olhares tristes; a preocupação estava estampada em cada rosto que encontramos.

A comunidade só voltou a respirar com a chegada de notícias que indicavam seu pleno retorno às reuniões da CLAPVI. Mas existia uma pergunta: Por que ele não entrava em contato com o Colégio? Tinha que ter alguma coisa errada... Ficou todo mundo sem resposta.

De repente, outra notícia. Pe. Almeida estaria retornando, já que a Conferência havia terminado. Organizamo-nos para recebê-lo no Aeroporto e para lá nos dirigimos sob forte chuva, que, por mais ameaçadora nos parecesse, não nos desanimou.

Durante a longa espera elocubramos ao extremo: como estaria? Teria

emagrecido? Deveria ir direto para o médico? Fazer exames era imprescindível! — Realmente ele os fez, posteriormente — tudo estava bem.

Vários olhos buscavam nas pessoas que chegavam uma cabeça branca que, de tão querida, parecia não chegar nunca. Como demorou a aparecer! Ansiedades a parte, o tempo parecia não passar, então começamos a brincar para aliviar a tensão, a ponto de redigirmos um pequeno cartaz receptivo: "Brother Almeida", como aqueles que recebem estrangeiros para intercâmbio. O nervoso era tanto que esquecemos o termo próprio: *Father*, que corresponde a Padre. O que escrevemos ficou: Irmão Almeida.

Assim sendo, repentinamente, surgiu Pe. Almeida bastante bronzeado, pelo sol de Ypacarai, com uma expressão muitíssimo saudável, até nos focalizar quando se fez pálido e com expressão preocupada perguntou: — O que aconteceu no Colégio? — Todos responderam, ao mesmo tempo com outra pergunta: — O que aconteceu com o senhor? — Comigo, nada!

Naquele momento o São Vicente estava representado por um elemento de cada segmento sem combinação prévia de tão perfeita esquematização. Daí o imenso susto dele. Entre risos, perguntas e um imenso chapéu paraguaio, nos relatou o acontecido, bastante emocionado pela recepção e todos que ali estavam, aliviados da tensão, perceberam que o momento tempestuoso havia terminado e, por coincidência, o temporal tinha passado.

Hora de chegada. Hora de retornar e assim o fizemos, levando-o para o Colégio onde, com café com leite — no refeitório da Casa Central — brindamos à sua volta sem sequelas do mal estar paraguaio.

O relato poderia acabar aqui. No entanto pedimos a Pe. Almeida que nos contasse o que sentiu quando se deparou com vários pares de olhos em cima dele, cheios de emoção e preocupação, pois nos ficou a impressão que nós é que poderíamos ter provocado um verdadeiro infarto em nosso Diretor.

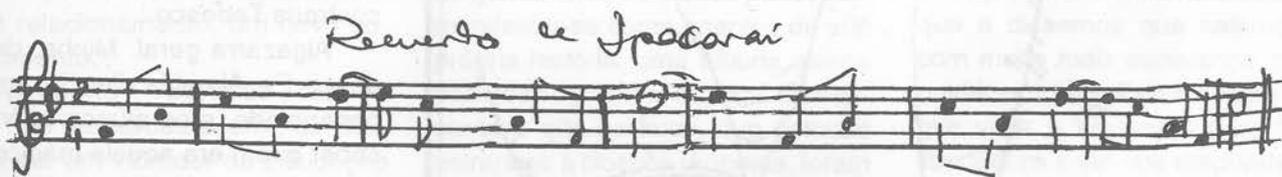
RELATO DO PE. ALMEIDA

Complementando as "Recuerdos de Ypacarai", emocionado fico eu agora pela importância dada ao lamentável equívoco, por falta de comunicação direta.

Tendo viajado segunda-feira (02/12), cheguei mal disposto a Assunção e pior ainda a Ypacarai, sob um sol que parecia de 50 graus. Dedicadas enfermeiras puseram-me em condições de participar dos trabalhos na manhã de terça-feira, mas, à tarde, diante de recaída, reconduziram-me a Assunção para consulta médica. Enquanto, durante a quarta-feira eu, ainda na capital, "convalescia" em casa das Irmãs de Caridade, os companheiros de

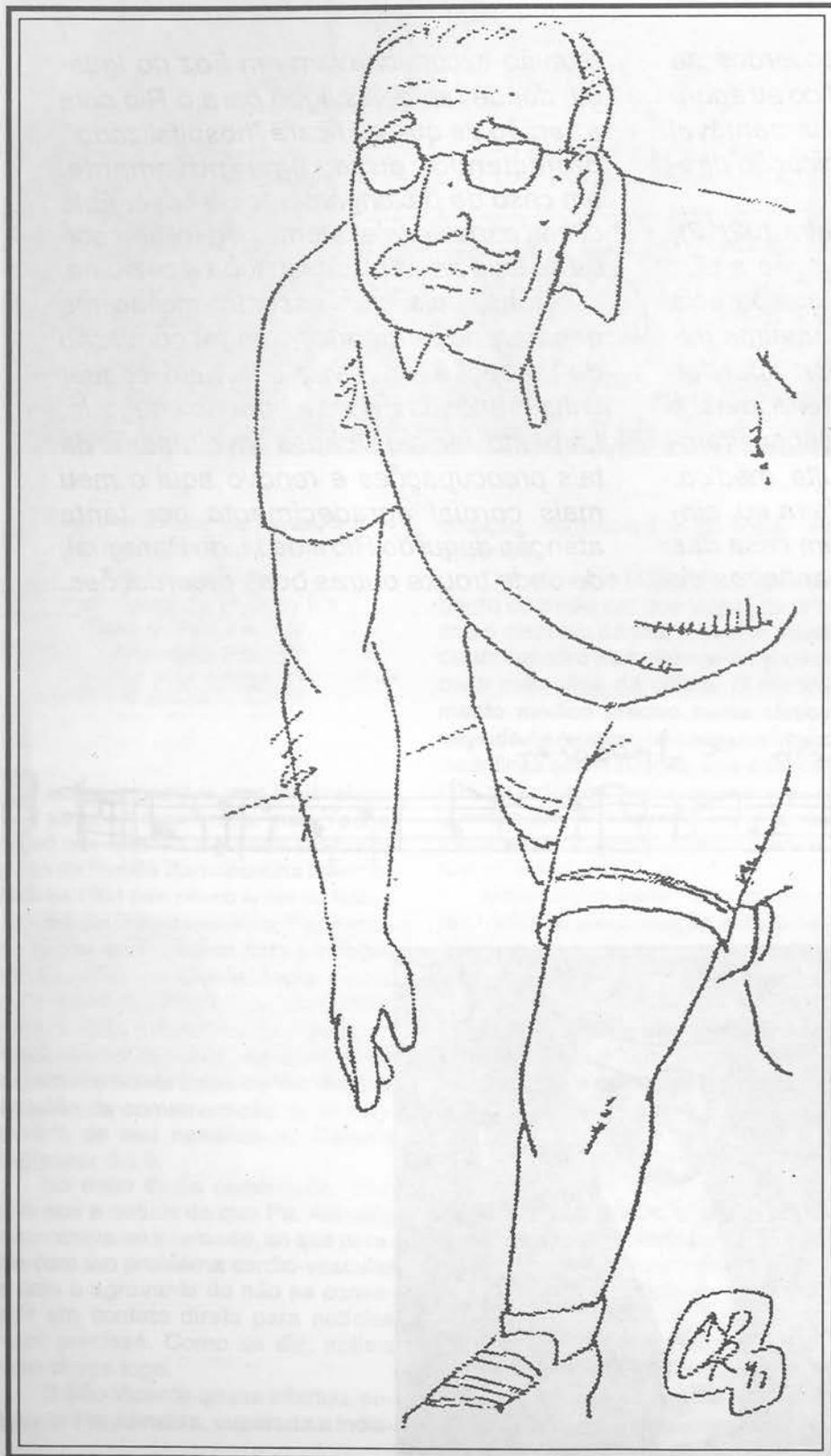
reunião excursionavam em Foz do Iguaçu, donde um deles ligou para o Rio com a versão de que eu ficara "hospitalizado", prometendo, disse, ligar novamente, em caso de prolongamento da crise. Esta última parte do telefonema não foi percebida do lado de cá e causou toda a celeuma.

Tinha, pois, que assustar-me ao me deparar, no aeroporto, com tal comissão de recepção, uma vez que nem sequer tinha mandado avisar a hora de chegada. Lamento ter sido causa involuntária de tais preocupações e renovo aqui o meu mais cordial agradecimento por tanta atenção daqui do Rio e de lá, do Paraguai, de onde trouxe outras boas recordações.



MAGIA DE UM REENCONTRO

RELATO DO PE. ALMEIDA



Solange G. Borba
Prof. Matemática do CSVP –
1º Grau II

Tesoureira da A.P.M. 87/92
Ex-Coordenadora do 1º Grau
Colaboração: Anamaria Prado
Presidente da A.P.M. 89/92

“Todos os caminhos são mágicos se nos levam aos nossos sonhos.”

(Paulo Coelho)

Minha aula na sexta série, turma 64, corria dentro do meu planejamento e, com bastante tranquilidade, quando Nina entrou em sala me dizendo que lá fora estava alguém que queria me ver.

Imaginei tudo, menos que encontraria Tedesco.

Algazarra geral. Minha, de Tedesco, Pe. Almeida silenciosamente observando, e os alunos querendo saber quem era aquele mágico que conseguiu parar minha aula.

Mágico não. Mago sim.

Em 81, agora explico, Tedesco e eu coordenávamos o primeiro grau, quando ele sentiu que seu espaço mágico, no São Vicente, não tinha condições de ampliar-se. Ora, como “os magos”, porém, olham sempre para longe, eles ampliam este espaço mágico e tentam controlar muito mais coisas. Chamam isto “de olhar o horizonte”. Isto significa que Tedesco buscou ampliar a seu espaço, com o seu passo, indo para Recife trabalhar no Colégio dos Maristas.

Retomando a narrativa, após a aula consegui neutralizar a emoção e reviver os anos de São Vicente,

dos quais Pe. Almeida tanto participou, e, que, por isso, observou o encontro tão silencioso, porque ele sabe que não chega de saudade quando a Lenda Pessoal é a Educação Libertadora. Ele, Pe. Almeida, sabe que nossa Lenda Pessoal se identifica com a dele.

A notícia correu e todos aqueles que com Tedesco conviveram, de alguma maneira, queriam estar em contato para matar a saudade de um ser humano extraordinário, apenas porque é uma Pessoa Comum.

Fui cobrada.

Dentro do limitado tempo e da ilimitada realidade que se me apresentava, tive que prodenciar um contato para a revista "A Chama". Foi complicado. Tudo parecia contribuir para que o encontro fosse adiado. Entretanto, quando a gente quer muito uma coisa, tudo conspira a nosso favor e quem me solicitou a entrevista queria muito conhecer o "mito" do São Vicente.

A solução encontrada foi via aeroporto, com direito a Linha Vermelha, que não significou limite ou censura, mas uma abertura para um novo relacionamento, um novo conhecimento.

Aeroporto — porta de saída — mas não de partida e, sim, de chegada até um vibrador da Educação Libertadora. Após algumas considerações introdutivas veio a proposta: Como um pai pode perceber, na realidade, o que é Educação Libertadora?

O tempo limitado pelo horário de vôo para Recife se tornou ilimitado pela profundidade da conversa e reflexão de Tedesco. Inicialmente, ele colocou que é muito difícil explicar, "tem-se que viver este tipo de Educação."

Para Tedesco não existe Educação Libertadora sem se ter uma consciência da realidade que está aí — agora.

Tem-se que saber ler a realidade e neutralizar os excessos, através do diálogo — sempre do diálogo

— mas, ressaltou, "atualmente há um abuso da expressão, que tem ficado bastante unilateral".

Para o momento atual esta reflexão é fantástica!

Daí em diante enveredamos por um caminho que reuniu lembranças, atuação e projetos.

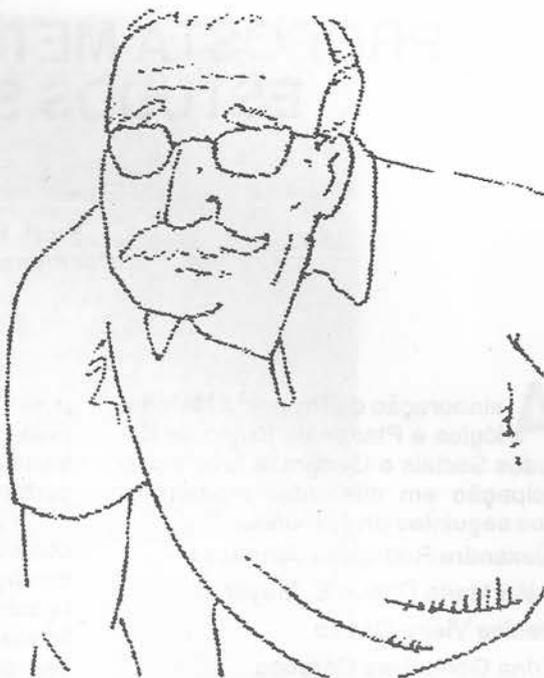
Tedesco nos falou de sua atuação no Marista, ressaltando, como sua primeira atitude, a busca de um contato direto com todo o pessoal da casa, para conhecer e ser conhecido, incluindo idas a todas as turmas, onde explicou sua proposta de trabalho, que priorizava a pessoa humana, agente de sua história.

Outro instrumento utilizado para agilizar a sua proposta foi a criação do Grêmio dos Alunos, cuja realização não foi plenamente atingida, porque não depende apenas do desejo de alguém, mas de toda A CASA.

Buscou, também, a criação de um jornal onde os alunos pudessem manifestar-se como agentes de sua própria história, uma tribuna aberta para todo o pessoal da casa. Interessante é que os fatos, que soavam estranhos à filosofia proposta, foram sempre tratados com diálogo em seus comentários, em uma das páginas, num encontro da realidade com o diálogo escrito.

Tedesco através da Brigada Verde conseguiu mobilizar toda a escola, visto durante vários anos seguidos terem ido às ruas, sempre na defesa da vida, dos rios, da Ecologia. Esta atuação teve repercussão junto à cidade, poderes públicos e, até, nacionalmente, numa rede de televisão.

Sua maior conquista, entretanto, além da pedagógica, é também numérica, pois o número de alunos dobrou em um ano, o que caracterizou o restabelecimento da credibili-



dade do Marista como casa da Educação levada a sério.

Sua maior preocupação, podemos dizer, sua bandeira é a educação integral, formando pessoas prontas para o mundo, não apenas na parte pedagógica, mas a realização da **pessoa humana como pessoa humana**.

Aproximava-se a hora do embarque e dissemos que saíamos dali com muito mais esperança, porque ouvi-lo nos fez refletir o quanto temos que viver a educação para fazê-la libertadora e ele nos respondeu:

"É exatamente isso. A Educação Libertadora só existe na medida em que há esperança de que os pais consigam **realmente vivê-la**. Lutem por essa vivência junto com o São Vicente, pois a Educação vivida liberta o pai para realizá-la."

O avião levou Tedesco a Recife e ficamos com a certeza de que é, justamente, a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante.

Acreditamos termos o dever de buscar a realização dos nossos sonhos em comum com o São Vicente, porque só assim estaremos construindo a **realização da pessoa humana como pessoa humana**.

PROPOSTA METODOLÓGICA DO CURSO DE ESTUDOS SOCIAIS E GEOGRAFIA

Profª. Maria de Lourdes de A. Trindade
Coordenadora Vertical de Geografia - CSV

A elaboração da Proposta Metodológica e Planos de Curso de Estudos Sociais e Geografia teve a participação em diferentes momentos, dos seguintes professores:

Alexandre Rodrigues Junqueira
Célia Maria Duque E. Meyer
Denise Vieira Castro
Edna Gonçalves Cardoso
Emília Costa Almeida
Frederico Lanza
Kedma de Oliveira Silva
Leda Siqueira Machado
Lucia Maria Madeira da Costa
Luiza Regina M. Braga
Maria Celeste Reis Braga
Maria Cristina Maciel Teixeira
Maria das Neves Oliveira
Maria de Lourdes de Araujo Trindade
Maria Helena V. Marques Carvalho
Maria Lucia Vasconcelos Gomes
Maria Tereza Falcão Koblitz
Márcia de Assis Vieira
Márcia Lima Vitória de Abreu
Mônica Miceli Roque
Nice Pereira dos S. Ballado
Rosana Mota
Sandra Maria Mota Marques
Sonia Maria Souza Marques
Verli Aparecida L. Pezzotti
Wilmary Josemar da Silva

INTRODUÇÃO

O Colégio São Vicente de Paulo, em sua proposta de Educação para a Justiça, comporta um projeto educativo que passa obrigatoriamente pela participação e solidariedade.

Nele o aluno é estimulado a promover o seu próprio desenvolvimento, e a identificar-se como pessoa que

possui uma função, devendo optar pelo compromisso com a justiça e a transformação social, colocando-se portanto a serviço da comunidade.

Para atender a esse projeto, os conteúdos "devem surgir das próprias condições de vida dos homens, ou relacionar-se diretamente com a realidade global em que eles vivem; devem transforma-se em meios através dos quais os alunos desenvolvam sua capacidade de pensar criticamente sobre suas próprias condições de existência".(1)

Este encaminhamento permite ao aluno ampliar a visão de seu tempo e de seu papel nesse tempo, entender o como e o porquê dele viver de uma forma e não de outra, à medida que o leva a interpretar as relações sociais,

o espaço e o tempo resultantes de um processo de trabalho do homem num passado recente ou remoto.

Um conteúdo, assim desenvolvido, irá requerer uma metodologia crítica, impulsionadora da ação, criativa, que dialoga e problematiza. Para isso, alunos e professores devem organizar as etapas de construção do conhecimento, confrontando suas informações e experiências com o conhecimento historicamente acumulado.

Levar o aluno à compreensão da realidade em que vive é importante para a construção de um cidadão crítico e para isso, o professor tem um papel fundamental. É necessário, entretanto, que ele esteja atualizado e sintonizado com a realidade vigente, consciente de seu papel na sociedade





e da importância de sua função como mediador entre o saber que traz e o saber do aluno, para que assim possa criar critérios que levem os alunos a perceberem e compreenderem criticamente o objeto de estudo de sua respectiva série e área.

Não é uma proposta simples, pois a todo momento tem-se de articular a herança cultural acumulada historicamente com as experiências dos alunos, fazendo com que a educação para o compromisso social se transforme muitas vezes num processo longo com avanços e retrocessos, mas que se entende ser o melhor caminho.

OS ESTUDOS SOCIAIS NAS 1ª SÉRIES DO 1º GRAU E A EDUCAÇÃO PARA A JUSTIÇA

Em primeiro lugar, torna-se necessário esclarecer que a área de Estudos Sociais da qual estamos tratando, nada tem a ver com os Estudos Sociais, de triste lembrança, introduzidos pela lei 5692/71 para a 2ª fase do 1º grau, e que tinham, propositalmente como objetivo, enfraquecer a análise histórica e geográfica.

Os Estudos Sociais que hoje trabalhamos de 1ª à 4ª séries possui como principal preocupação o binômio educando-vida social, com o sentido da cidadania sempre presente. E quando se pensa na formação de um cidadão crítico, transformador, solidá-

rio e justo, uma área que assim se encaminha tem muito a contribuir. Poderíamos perguntar: O que significa ser um cidadão crítico? O que hoje sentimos em relação à população brasileira?

Devido ao seu afastamento do processo decisório, durante um longo período, a população brasileira em grande parte perdeu o sentido coletivo, tendo dificuldades de participação, organização e escolha. As leis, que deveriam ser fruto das necessidades dos grupos, não emergem como tal e em consequência são desobedecidas, transformando o cotidiano num "rosário de dificuldades". A hierarquia não é entendida, o papel de cada cidadão não fica claro e a interdependência de funções dificultada. A conservação e preservação do espaço, não só no que diz respeito a florestas, ao interior, mas também ao urbano, vêm sofrendo danos que dificilmente terão reparos. A memória histórica é colocada de lado e situações que, num passado recente, foram reconhecidas como muito prejudiciais retornam por escolha da própria população.

Em parte, tudo isso acontece porque o processo educacional, durante este mesmo período, dirigiu-se para uma pedagogia liberal sustentando a idéia de que a escola tinha por função, preparar os indivíduos de acordo com as suas aptidões, para desempenhar papéis sociais requeridos pela socie-

dade de classes, fazendo o ato pedagógico separado das determinações sócio-estruturais, ou seja, autônomo das necessidades coletivas.

E é isso que os Estudos Sociais hoje, nas primeiras séries do 1º Grau procura em sua proposta metodológica reverter. Embora se saiba da ação restrita da escola, em meio a tantos veículos de comunicação e convívio, ainda acreditamos que um exercício constante da construção do pensamento crítico, poderá funcionar como um hábito, alterando aos poucos o modo de agir dos indivíduos. Como isso na prática pode ser efetuado? Com a análise do espaço social em que o aluno vive, dos grupos sociais com que convive ou tem contato, das regras sociais que lhes são impostas e da história que constroem ou que é construída por eles. Isto porque esta área do conhecimento procura centrar-se no binômio educando-vida social, e que trabalha com quatro conceitos principais — Grupo Social, Espaço, Tempo e Trabalho — desvendando a partir do que é mais imediato para a criança (escola, família) até universos mais complexos (bairro, município e o estado), todas as relações existentes nessa vida social.

(1) Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro – Secretaria Municipal de Educação. Fundamentos para a elaboração do Currículo Básico. Rio de Janeiro, página 89.

MATEMÁTICA

Professor Manoel Vieira
2º Grau - CSV

A questão abaixo foi publicada no jornal "O Globo" em 28/10/82. Segundo o autor, Prof. Manoel Vieira, do 2º Grau do Colégio São Vicente de Paulo, esta questão, por coincidência, é semelhante ao TIRA TEIMA da Rede Globo de Televisão, mostrado como uma novidade no esporte na Copa do Mundo de 1986.

Numa partida da Copa do Mundo, um dos jogadores do Brasil, percebendo o arqueiro adversário adiantado, tentou jogar por cobertura a bola dentro do gol, porém não teve sucesso pois a bola bateu no travessão como mostra a figura.

Admitindo-se que a bola percorreu a trajetória

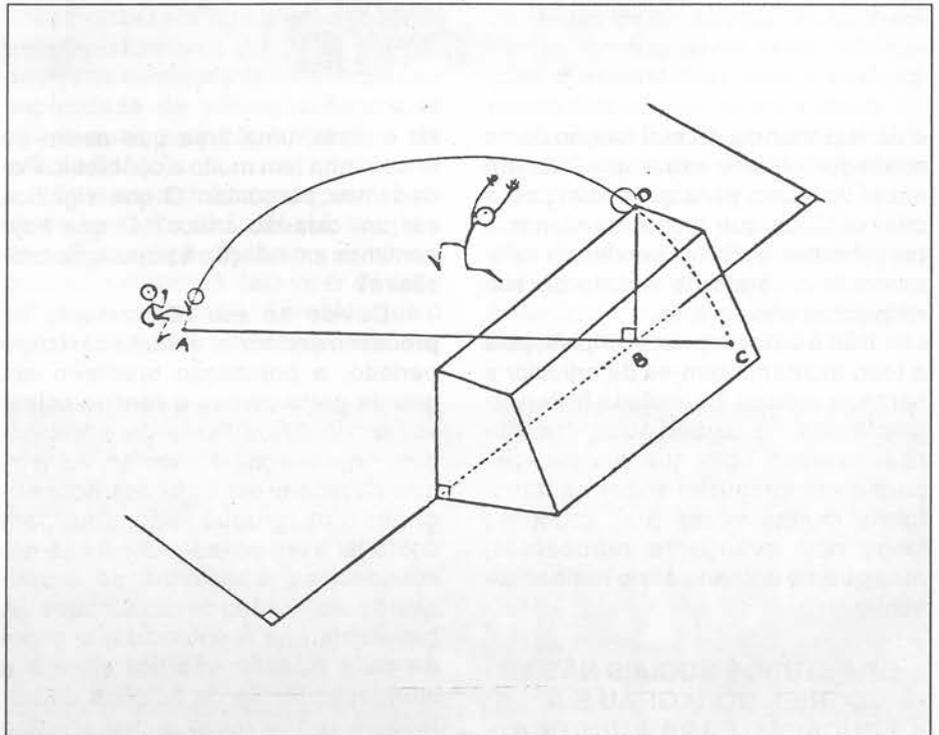
$$y = a x^2 + bx,$$

sendo

$$AB = 48\text{m}, BC = 2\text{m e}$$

$$BD = 3\text{m}, \text{ calcule:}$$

- o valor do parâmetro a
- o valor do parâmetro b
- altura máxima alcançada pela bola.



Novidade ou mais uma cópia fiel do projeto dos outros?
Você decide.

Plim! Plim!

Considerando y o espaço percorrido pela bola em função de um tempo x , ao calcularmos a derivada primeira da função determinamos a velocidade com que a bola bateu no travessão. A derivada segunda daria a aceleração imprimida à bola.



PAIS DE ADOLESCENTES PADECENDO SEM ILUSÃO DO PARAÍSO

(E EU QUE IMAGINEI QUE FREUD DAVA CONTA...)

Patricia Mendes Rubim

(Psicóloga do Colégio S.V.P. e mãe de duas adolescentes)

Mal cheguei no Colégio, depois do almoço, numa terça-feira, em fins de agosto, e recebo da Lúcia o seguinte recado: "William, secretário do Pe. Almeida, pede que você não se esqueça do artigo para A CHAMA. É sobre "Pais, sem padecer no Paraíso". Olho surpresa e sai um: "Ah, é?". Comento que realmente tinha me comprometido em contribuir com um artigo pra revista, mas não sabia que o título era este. Seria melhor ligar pro William? Garanto que não. Tranquilizadamente, dou certeza de honrar o compromisso.

O dia não era dos mais apropriados. Um pouco antes, uma das minhas filhas tinha atravessado, fora do sinal, na entrada da escola. Eu tive que administrar o quase atropelamento e controlar minha raiva de mãe. Vinha justo pensando na onipotência e no narcisismo dos adolescentes que tudo ousam, tudo podem e pouco escutam. Cheia de auto-piedade, lembrava: logo eu que recomendo tanto, que vivo falando da travessia na porta do colégio (os carros simplesmente avançam o sinal), que cobro cuidado dos filhos dos outros, encho os ouvidos da Nina pedindo que se mande circular pra casa e que insisto, que nós, do colégio, devemos conversar com os alunos pra que prestem mais atenção e nunca atravessem no meio dos carros. Me sentia uma mãe padecendo no purgatório!

O pedido do artigo me desvia de tais pensamentos por alguns segundos. Eles logo voltam. Bem, eu tenho

uma relativa certeza que a filha em questão não estava tentando suicídio pra escapar da prova de Ciências. Então, só podia ser safadeza comigo; provocação pra desafiar a experiência que tento passar pra ela, enfim, resistência a entender que se pode aprender na vida sem perigos desnecessários.

Mais uma vez, verifico, sem evitar o susto, que é diferente ser pai de criança e de adolescente. Comentávamos no SOE sobre o livro da Tania Zagury, *Sem Padecer no Paraíso*, quando ela esteve no colégio. Sentíamos que mesmo com as "culpas" resolvidas, o conflito entre o liberalismo e democracia discutido e assumido, mesmo que tenhamos bem claro que tipo de indivíduos queremos criar e que assumamos nossa autoridade de educadores, a tarefa de ser pai de adolescente é um desafio que exige algo mais.

O jovem na sua busca de autodefinição, de identidade, passa por processos de estranhamento, experimentação, questionamento, isolamento e confusão. Por outro lado, são tantos sonhos, tantas fantasias e imensas possibilidades... O percurso é único e solitário. Daí o adolescente estar, quase sempre, rindo ou chorando (com igual intensidade e desespero!). Não tem meio termo; o auto-controle ameaça desabar a cada instante. Ele está rompendo com o passado. É exatamente este rompimento que abrirá novos horizontes, novas esperanças e conseqüentemente novos medos. Mas ele sabe disfarçá-los. Ge-

ralmente o faz burlando a autoridade dos adultos, desafiando regras óbvias e lógicas, mostrando-se rebelde e arrogante. É justamente por tudo isso que ele é tão interessante, tão autêntico e, na maioria das vezes, muito engraçado — principalmente o filho dos outros...

Podemos dominar teorias, entender os mecanismos, sermos bons educadores e terapeutas de inúmeros jovens, mas na hora que o adolescente da nossa casa nos faz reviver nossa própria juventude, nos mostra o abismo indesejável e o conseqüente envelhecimento, a gente treme, duvida e pode ficar tão confuso quanto nosso filho. Estranha ironia: pois o fato de sermos pais e estarmos "pensando" com nossos filhos jovens, nos dá a garantia de que tudo vai passar — eles vão crescer, nós (pais) vamos acabar entendendo e entre erros e acertos, todos vamos sobreviver.

Não sei se é possível ser mãe de adolescente sem padecer. Imagino (baseada nas minhas lembranças adolescentes) que para as minhas filhas o paraíso é algo ainda longínquo, certamente a ser alcançado por meios próprios e com recursos diferentes dos meus.

É, dá pra apaziguar um pouco, o difícil é largar do pé... Como diz o poeta Belchior:

*"Minha dor é perceber,
que apesar de termos
feito tudo que fizemos,
ainda somos os mesmos
e vivemos como nossos pais"*

COORDENAÇÃO DAS TURMAS DA TERCEIRA SÉRIE DO SEGUNDO GRAU

Professor Cláudio Mário
Coordenador do 3º ano e Professor de Biologia do 2º grau

Entendemos que coordenar é, antes de tudo, **articular e integrar**.

As tarefas de articulação e de integração são executadas em três áreas de ação:

- 1) com a Direção do Colégio;
- 2) com a equipe de professores da terceira série, o seu alunado, o SOE, o SOD e a Coordenação Comunitária;
- 3) com a Coordenação imediatamente anterior, da qual precisa receber, a cada ano, as informações sobre os alunos que vêm da segunda série e que deve realimentar com as informações, também, sobre o desempenho na terceira série.

Com a Direção, diretamente ou por intermédio da Coordenação Acadêmica, elas implicam em afinidade com a filosofia educacional do Colégio, antes de mais nada. Essa afinidade tem de ser despertada pela Direção. Ela não é um condicionamento. É um problema de capacidade de persuasão, de um lado, e de convicção, do outro.

A filosofia educacional do CSVP há anos vem sendo exposta e atualizada. Mas é difícil — e delicada — qualquer verificação de sua assimilação, dadas as diferenças de formação de cada um.

A segunda área de ação exige uma coordenação com suficiente domínio sobre todas as disciplinas que compõem a grade curricular da terceira série. Isso, porém, com a especialização que o ensino em nível de pré-vestibular requer, é quase utópico. Acreditamos na solução mediante a liderança, ainda que discreta, que o coordenador pode exercer sobre a equipe, baseada principalmente na sua aceitação por todos os seus componentes.

O coordenador das turmas da terceira série tem vantagem sobre os demais por ser atuante em sala de

aula desde a série anterior. Os alunos já o conhecem como professor e este já os conhece pelo contato quase diário no Colégio. Além disto, o acompanhamento do SOE e do SOD, desde o início do 2º Grau, facilita a detecção e a correção dos erros que vão surgindo. Por nossa sugestão, desde 1984, o SOE vem orientando, e cada vez melhor, a escolha da profissão, através de palestras com profissionais e estudantes de diferentes áreas, agora abertas a todos os alunos do 2º Grau. A Coordenação Comunitária participa, com sua experiência, nas visitas a Universidades, nas aulas externas de observação e coletas de dados, visitas orientadas a museus e na preparação das festividades de encerramento do curso.

Avisos, conselhos, orientações, distribuição de provas de vestibulares solicitadas às entidades universitárias não exigem momentos especiais. São dados durante as aulas normais do coordenador, em cada turma. A ele cabe, também, suprir as eventuais ausências de qualquer professor da equipe, quando possível.

Alunos e professores recebem, no primeiro dia letivo, o calendário anual onde estão registrados os dias de provas de cada matéria, o seu tipo (objetiva complementar ou discursiva), sua seqüência, seus tempos de duração, seus valores e os dias de realização dos conselhos de classe.

Os alunos, de acordo com suas opções de carreira universitária, se distribuem em quatro áreas (Tecnológica, Biomédica, Humanas e Administrativa) apenas para efeito das provas discursivas. Todos, independentemente da área do vestibular a que se destinem, são submetidos a provas de todas as disciplinas, contendo uma parte objetiva (40% do valor da nota final) e uma parte complementar discursiva (60% do valor da nota final). A correção da parte objetiva das provas

é feita pelo coordenador que comunica, a cada professor, quais as questões de sua matéria onde maior foi a incidência de erros.

À Coordenação cabe, também, reunir as notas atribuídas às provas complementares e discursivas, obter as médias, somar as faltas ocorridas a cada bimestre, registrar o número de aulas dadas em cada matéria e elaborar os mapas gerais de notas e faltas de todos os alunos. Não há boletim na terceira série. Cada aluno recebe o seu resultado bimestral junto com os resultados de todos os colegas da turma, o que lhe permite, pela comparação, uma avaliação melhor de seu desempenho escolar em relação ao grupo.

Está a merecer especial atenção, na terceira série, a capacidade de expressão conceitual do aluno, o que remete para o ensino do Português. Afinal, a língua materna é o primeiro instrumento didático de qualquer disciplina; é a mais imediata aferição da maturidade intelectual do aluno e é a expressão indispensável de qualquer conteúdo curricular.

Os conselhos de classe são um dos momentos principais da função do coordenador. São, aliás, o quase único momento em que, estando toda reunida (ou quase toda) a equipe dos professores, junto com os representantes de turma, a coordenação pode exercer seu papel em plenitude. Daí a necessidade de estarem registradas as notas bimestrais e as faltas ocorridas em todas as disciplinas, de uma pauta de trabalhos previamente conhecida, da colaboração para que, de maneira objetiva, o trabalho possa ser considerado produtivo e de uma revisão posterior, para se verificar se ele cumpriu realmente tal objetivo.

Quanto à terceira área de ação, ela é de suma importância, dado o caráter de terminalidade (relativa ou absoluta) do 3º ano: a meta que quase

todos aspiram atingir tem que ter influência sobre as etapas todas do processo de alcançá-la. Aqui é que deve entrar o exame anual do desempenho dos alunos do CVSP nos concursos vestibulares. O 3º ano não pode e nem deve se assemelhar a um cursinho, espécie de recuperação de todo o 2º Grau, quando não uma forma de adestramento específico para a entrada na Universidade. Ele tem de ser a síntese e a integração de todo o aprendizado. Ora, não há síntese sem elementos; nem integração sem partes ordenadas umas para as outras.

No nosso entender, o 3º ano não é um ano isolado, descontextualizado. Faz parte integrante do 2º Grau, curso de aprofundamento do conhecimento, onde o adolescente poderá respaldar suas opiniões com fatos, através da construção de uma estrutura teórica do conhecimento. As três séries devem ser integradas sob todos os pontos de vista. O aperfeiçoamento do 3º ano é o aperfeiçoamento de todo o 2º Grau. E qual o maior problema enfrentado pelo 3º ano? É o do aluno que, simplesmente, transita pelo 1º ano e pelo 2º ano, estudando pouco e, quando o faz, é apenas memorizando con-

ceitos, sem disciplina mental, aprovados com a benevolência sustentada pela esperança de seus mestres de que, no derradeiro ano, as suas condições se modifiquem. Não advogamos o endurecimento da avaliação para a solução do problema e, sim, o caminho do diálogo com os pais dos alunos com deficiências no desempenho escolar passíveis de serem sanadas a tempo. É conhecida, porém, a relutância de pais e alunos a tal contato, se pessoal. Talvez fosse o caso de se pensar em outra forma de comunicação, protocolizada e comprovável.

O COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO E O PROGRAMA DE VOCAÇÃO CIENTÍFICA

Suzana C. Vaz
Turma 3º A

Em 1990, o COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO estreou no Programa de Vocação Científica, oferecido a alunos do 1º ano do 2º grau pela Escola Politécnica de Saúde J. Venâncio, da Fundação Osvaldo Cruz. Com, inicialmente, direito a duas vagas, nos surpreendemos com sete convocações.

Em meados do ano seguinte, as aulas ficaram paralisadas por alguns dias, devido à greve dos professores e, algumas confusões no calendário fizeram com que a data de seleção dos candidatos fosse perdida. A ausência do SVP nesse dia ocasionou a sua não participação no Programa em 1991.

Mas, em julho deste ano, os futuros cientistas vicentinos mostraram que estão com a bola toda. A previsão era de quatro vagas para o Colégio; conquistaram mais cinco, portanto, nove dos dez candidatos estão tendo a chance de conhecer uma verdadeira instituição de pesquisa de perto.

A oportunidade permite vivenciar o dia-a-dia do trabalho de um pesquisador e o funcionamento de um laboratório, uma (ou mais) tardes por semana.

Com esta experiência, eu me enriqueço desde

a minha entrada no Programa, em julho de 1990. O que era antes uma mera curiosidade virou um enorme interesse pela pesquisa científica. Após um ano de estágio, resolvi candidatar-me ao Programa Avançado, que consiste numa segunda etapa, onde o aluno já assume maior independência. Junto com o seu pesquisador/orientador, elabora um projeto de pesquisa a ser desenvolvido no prazo de um ano e meio (até o fim do 2º grau). Nesse segundo estágio, o Politécnico da Saúde concede uma pequena bolsa "incentivadora".

Durante a minha participação no Programa de Vocação Científica, pude certificar-me de seguir a carreira biomédica. Porém há, também, os que se decepcionam, descobrem que a vocação é outra; mas este também é um dos objetivos do Programa. Portanto, a experiência é sempre válida.

Nos últimos anos, esse projeto vem se ampliando, com mais departamentos fazendo parte e, conseqüentemente, mais vagas concedidas.

O SVP se destaca na sua participação e, a cada ano, vai conquistando seu espaço "científico".



EM DESTAQUE!

❑ Foi inaugurado em 20 de março, o novo estacionamento do Colégio, que vem provando ter sido uma medida tranquilizadora com relação à circulação dos alunos do Colégio.

❑ Em razão da construção do estacionamento, o parquinho para os "baixinhos" já foi construído em novo local.

❑ A nossa querida Tetê, da Tesouraria, aposentou-se e transferiu residência para Recife, onde ficará curtindo netos e filhos. O Colégio promoveu uma despedida com participação de vários segmentos.

❑ Em 15 de abril, foi inaugurada uma nova instituição na Biblioteca — a Hemeroteca — Seção da Biblioteca em que se colecionam artigos de jornais e revistas.

❑ O susto foi grande, quando, em 20 de abril, soubemos que Pe. Domingos — nosso Diretor Administrativo — tinha sofrido um acidente de ônibus, ao retornar de Santa Rita de Caldas, onde passava a Semana Santa. Sendo a Páscoa, a Ressurreição da Vida, acreditamos que, pela gravidade do acidente, Pe. Domingos salvou-se dentro do significado que a

Páscoa nos dá. Com alegria, informamos que se encontra totalmente restabelecido.

❑ Em 28 de abril, um grupo de professores coordenados pelo Diretor — Pe. Almeida — visitaram a Bloch Editores, quando tiveram oportunidade de conhecer os bastidores da empresa e participar de grande almoço.

❑ Com destino a Penedo, em 24 de maio, saíram do São Vicente, em ônibus lotados, os participantes da 1ª Domingueira Vicentina.

❑ Após 20 anos, retornou à Biblioteca do CSVP, o livro "Diário de Ana Maria", de Michael Quoist. Foi entregue como "doação", por ocasião da Festa Junina deste ano. Foi o empréstimo mais longo da história e o leitor mais atento de que se tem notícia, nesses 33 anos de São Vicente.

❑ Por ocasião da ECO-92, foi montada, na portaria do Colégio, a "Árvore da Vida" com mensagens dos alunos de várias séries.

❑ Dando continuidade ao tema, em 16 de junho os índios Tucanos visitaram o Colégio.

❑ Faleceu, no início do ano, Alfredo Coimbra Barsuglia, ex-aluno do Colégio, casado com ex-aluna do Colégio e pai de aluno do CSVP.

❑ Falecimento prematuro da ex-professora de História, Esther Cohen.

❑ No período de 10 a 15 de fevereiro, realizou-se a Semana Pedagógica, com palestra e trabalhos coordenados pelo Prof. Celso de Santos Vasconcelos, tendo como tema "A Construção em sala de aula".

❑ Em 17/02 foi entregue ao Colégio, após ampla reforma, a sala de recreio dos Professores, obra realizada pela Ass. Pais e Mestres.

❑ Foi realizada a reforma do ginásio coberto, com alteração da posição das arquibancadas, antiga reivindicação dos desportistas do Colégio.

❑ Em 22 de maio, faleceu o Professor Roberto Gomes Correa, de Geografia, do Supletivo.

❑ Foram iniciadas as obras do Posto de Saúde do Cerro-Corá.

❑ Nasceu Thayana, filha de Andréa e Marco Antônio Cruz, sendo a feliz mamãe funcionária do Departamento Pessoal.

❑ Esteve, no Colégio, Tânia Zagury, autora do livro "Sem padecer no paraíso", discorrendo sobre o tema e debatendo com os pais questões relativas à relação pais-filhos.



☐ Em 11 de julho, foi eleito a novo Superior Geral — Pe. Robert Maloney — que vem a ser 22º sucessor de São Vicente de Paulo.

☐ Com alegria informamos que o estado da saúde da Profª Margarida, de Português do 1º Grau II, é excelente, após cirurgia sofrida em agosto.

☐ Com a proximidade das eleições, o GRECO teve a iniciativa de convidar alguns prefeitáveis para debates no Colégio, como já é tradição.

☐ Em 26 de maio, foi realizada a 1ª reunião dos Professores de Religião

do Colégio, juntamente com os profs. de ICH e formadores do CSVP, para discutir: A Pastoral da Igreja, hoje; A Pastoral na Escola Católica; O Agente Pastoral na realidade de hoje; sob a coordenação do Prof. Sérgio Maia.

☐ Implantada, a partir de agosto, a Oficina de Informática do Colégio, sob a responsabilidade das Profs. Esther e Leila, que têm, a partir de então, cerca de 100 alunos sob suas orientações.

☐ Nos primeiros dias de setembro, esteve em visita ao Colégio, seu ex-diretor Pe. Lauro Palu, que vem ser reeleito para um novo período de seis

anos, como Assistente do Superior Geral da Congregação Vicentina.

☐ Em meados de setembro, o Colégio recebeu a visita de Tedesco, ex-coordenador e ex-professor de Português e Francês do Colégio, que atualmente integra a equipe pedagógica do Colégio Marista, de Recife.

☐ Retornaram dos Estados Unidos (após dois anos), precisamente de Washington, Luis Celso e Cidinha Baldacci — ex-presidentes da Ass. Pais e Mestres. Com muita saudade e alegria, a Comunidade Vicentina lhes dá as boas vindas.

QUANTO CUSTA BRINCAR

Tiago Carvalho Gomes Almeida
Aluno - T. 34
Rio 04/11/92 - Criatividade 41

BOBO E CARO

Um dia, eu estava indo para o colégio e, na Rua das Laranjeiras, vi seis Babys Dinossauros em uma janela. O que há na cabeça dessa família? Minhocas, eu creio. Esse boneco custa mais que um salário mínimo, enquanto um trabalhador leva um mês de trabalho duro para ganhar menos que isso.

É um brinquedo sem criatividade, parado. Só serve para enfeitar.

Fiquei impressionado como um seriado pode criar esses absurdos.

O seriado tem temas interessantes, faz críticas, é engraçado, etc. No entanto, a sociedade capitalista incentiva o consumo inútil, cria as falsas necessidades. As pessoas não pensam e compram.

Quanto custa brincar (em Cr\$)

	MESBLA	LOBRÁS	AMERICANAS
Baby Dinossauro 35 cm (Mimo)	579.000	-	647.000



O ENSINO DE CIÊNCIAS

A NOVA COORDENAÇÃO - OS PROJETOS

Maria Claudia de Amorim
Coordenadora de Ciências do 1º
Grau I e 1º Grau II
Professora de Ciências

Nosso Projeto de Ciências, que utiliza uma metodologia construtivista, nasceu aqui mesmo, em nossa escola, com a prática em sala de aula. Valoriza não só o conhecimento, mas, a construção desse conhecimento e, nesse sentido, para nós, professores e alunos, tem sido um desafio.

É ainda um método novo no sistema educacional, por romper com o ensino tradicional, mas que exige um trabalho lento e contínuo na construção dos conteúdos, orientados pelas etapas da meto-

dologia científica, causando dificuldades em muitos momentos.

Nosso aluno, hoje, vive num processo massificador e, cada vez mais, imediatista. Apesar das dificuldades, insistimos nesse processo, por entender que a aprendizagem é uma consequência principalmente do estudo e não apenas da informação. Além de informar, estamos comprometidos em orientar os alunos nesse processo do aprender, dando autonomia, não criando dependentes eternos com os estabelecimentos de ensino.

Considero, como nosso mais significativo avaliador, a Fundação Oswaldo Cruz — Fiocruz. A cada ano, a Fundação tem nos

solicitado a inscrição de alunos no projeto de estágios, com bolsas para pesquisas, nos oferecendo um número de vagas que é sempre ampliado. Entendemos essa atitude da Fiocruz como uma resposta ao nosso trabalho na preparação do aluno para a atividade científica. Diante de todo esse quadro, com a coordenação de Ciências, priorizei o trabalho na revisão de toda a programação do curso de 1ª à 8ª série. Esse trabalho tem sido realizado por toda a equipe, visando uma atualização do material didático e um aprofundamento na metodologia empregada.

Embora envolvidos nessa atividade, a equipe pôde orientar pro-





jetos que objetivaram uma maior integração dos alunos com o currículo escolar.

O projeto Nossa Horta teve início, esse ano, com a participação de todos os alunos de 1ª à 4ª série. Essa idéia da horta comunitária surgiu com o Prof. Jacob, já há alguns anos atrás. Com o empenho da Marlene — coordenadora, — tive a oportunidade de elaborar e dar início a essa atividade. Com a orientação das professoras e do Gerônimo, funcionário da Escola, os alunos semearam, observaram e cui-

daram da horta diariamente, colhendo no final do 1º semestre o fruto do trabalho conjunto. Avaliando esse primeiro, constatamos o empenho das crianças, que trabalharam motivadas, interessadas e com responsabilidade. Estamos reiniciando o plantio e aguardando melhores resultados.

Paralelo à horta, os alunos de 5ª à 8ª série, interessados na atividade científica, estão desenvolvendo pesquisas, orientados pelos professores, com o objetivo de um aprofundamento no estudo de

conteúdos, selecionados segundo o interesse do grupo. Essas pesquisas estão sendo encaminhadas para a Ciranda da Ciência, a critério do grupo responsável e serão expostas na escola, durante atividades

programadas pela Coordenação Comunitária. É nosso objetivo incentivar e abrir, cada vez mais, espaços para essas atividades.

Estivemos também envolvidos com a Rio-92, a partir do momento que entendemos que ecologia não se resume apenas num evento, mas, essencialmente, no dia-a-dia da sala de aula. Essa Ciência, hoje, representa, mais do que uma ciência, uma postura do indivíduo comprometida com a sociedade em que vive.

Programei outras atividades, como as excursões que considero essenciais na complementação do trabalho que desenvolvemos, porém, ainda não foi possível realizá-las, devido à dificuldade com o tempo.

Por último, considero importante mencionar a iniciativa de encontros entre as coordenações e professores de 1º e 2º graus, com a tentativa de integrar o ensino das Ciências nestes segmentos.



FESTA JUNINA VERSÃO 92

Marlene Lydia Blum
Coord. 1º Grau I

Como sempre, em busca de acertar, planejamos uma festa junina diferente. A avaliação da festa do ano anterior apontou os pontos positivos e negativos ocorridos, o que traçou diretrizes para o novo planejamento. Muito mais cedo, iniciamos nossos ensaios. Cada turma fez a sua própria coreografia. As professoras participaram das dancinhas, orientadas pelos professores de música. E... foi um sucesso! Desta vez, só pedimos doces e salgados aos pais.

O minigrêmio adiantou o dinheiro necessário para que uma pequena comissão de mães pudesse comprar e embalar as prendas.

Fornecedores e funcionários ficaram responsáveis pelas barrquinhas de comida e bebida.

O som não estava bom, funcionou razoavelmente.

Os pais (dos alunos) compareceram em grande número, adora-

ram as danças e pediram bis.

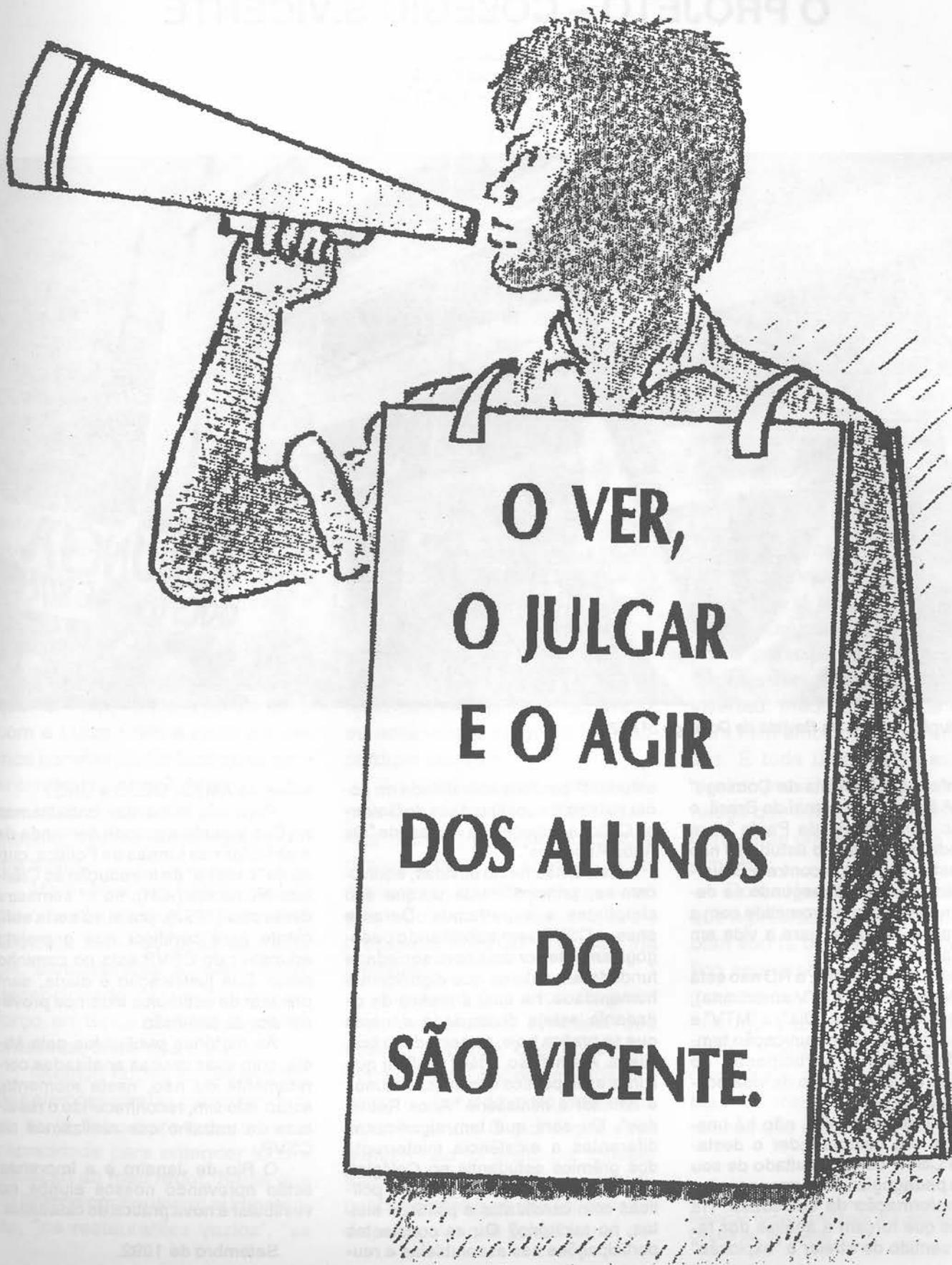
O churrasquinho e o salsichão foram apreciados e não houve quem não elogiasse o chopp e o refrigerante geladinhos, milhoquentinho com manteiga, hummi... Que gostosura!

Mães e professoras pegaram firme no trabalho das barraquinhas e decoração. A elas e a todos os que contribuíram, nosso muito obrigado.

Saldo positivo: o encontro das famílias com a escola e do professor com o aluno, em ambiente de festa. O lucro da festa foi de Cr\$ 1.800.000,00, que estão sendo aplicados na reconstrução do parquinho, outro espaço que trará muita alegria para a garotada. Aguardemos em breve a inauguração.

Desejo registrar que tudo o que foi perdido na festa foi achado pelos coleguinhas: sacola cheia de prendas, carteiras com muito dinheiro, fora chapéus de palha e "tickets", cuidadosamente personalizados pelas próprias crianças. Foi uma demonstração de honestidade e solidariedade digna de elogios.





**O VER,
O JULGAR
E O AGIR
DOS ALUNOS
DO
SÃO VICENTE.**

IMPrensa CONTINUA RECONHECENDO O PROJETO - COLÉGIO S.VICENTE

Prof. Zacarias Gama
Coord. 2º Grau - 1º e 2º ano



Reprodução da capa da Revista de Domingo nº 852

Conforme a "Revista de Domingo" (nº 852/92) do Jornal do Brasil, o Colégio São Vicente de Paulo "vem puxando o movimento estudantil nas manifestações de rua contra o Governo Collor", porque é, segundo se deduz, uma escola comprometida com a preparação do aluno para a vida em sociedade.

Nestas afirmações, a RD não está só. A "Veja", a "CNN" (TV americana), o "Jornal do Brasil", o "Dia", a "MTV" e outros veículos de comunicação também destacam a participação do CSVP no atual momento da vida política do país.

Entre todos, porém, não há unanimidade em compreender o destaque do CSVP como resultado de seu projeto pedagógico, de formar agentes de transformação da sociedade. Há aqueles que forçam a análise dos fatos no sentido de atrelar a "explosão"

estudantil contra a imoralidade no poder público e a continuidade do Governo Collor à projeção da minissérie "Os Anos Rebeldes".

Estes, não tenho dúvidas, equivocam-se, principalmente porque são simplistas e superficiais. Durante anos, o CSVP vem trabalhando pedagogicamente por uma nova sociedade fundada em valores que dignificam a humanidade, na qual a prática da cidadania esteja distanciada daquela que se pratica hoje, na sociedade brasileira. Além disso, é fácil verificar que o interesse político dos nossos alunos é anterior à minissérie "Anos Rebeldes". Ou será que tem significados diferentes a existência ininterrupta dos grêmios estudantis no Colégio? Ou, as permanentes discussões políticas com candidatos e políticos eleitos, no auditório? Ou as constantes participações nas assembléias e reu-

niões da AMES, UBES e UNE?

Para nós todos que trabalhamos no São Vicente a grande demanda de matrículas nas turmas de Política, curso da "cadeira" de Introdução às Ciências Humanas (ICH), no 1º semestre deste ano (1992), por si só seria suficiente para certificar que o projeto educativo do CSVP está no caminho certo. Sua justificação é diária, sem precisar de estímulos externos provenientes da televisão.

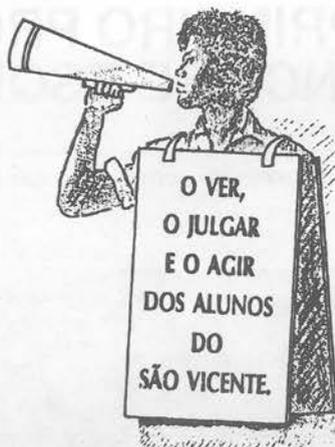
As matérias publicadas pela Mídia, com suas causas analisadas corretamente ou não, neste momento, estão, isto sim, reconhecendo o resultado do trabalho que realizamos no CSVP.

O Rio de Janeiro e a Imprensa estão aprovando nossos alunos no vestibular à nova prática de cidadania.

Setembro de 1992.

APRENDENDO A SER CIDADÃ

Juliana Rubim
Aluna - T. 82



Quando teve o movimento das "Diretas Já", eu tinha quase sete anos de idade. Lembro-me que, na época, minha noção sobre política era muito vaga. Só entendi que havia pessoas no governo contra a opinião do povo. Meus pais iam às passeatas, voltavam emocionados e eu sem saber o porquê. Um dia, fui até a janela junto com a Luíza (minha irmã) e bate-mos panelas protestando e eu sem entender o porquê. Mas eu sabia que havia uma nação unida por um mesmo objetivo e isso fazia juntar-me a eles.

Mais uma vez perdemos. O povo continuou sem dinheiro, sem alimento, sem educação, sem saúde, sem moradia e, além disso, decepcionado, por ver que seu esforço, em tentar melhorar a política brasileira, tinha sido em vão.

Quando houve as tão esperadas eleições diretas para presidente, eu já tinha doze anos e maior capacidade para entender toda a situação ao meu redor. Sabia que os preços continuavam aumentando, "os restaurantes vazios", "as

filas menores", mas acreditava que, com as eleições e um bom presidente escolhido pelo povo, tudo poderia mudar. O mais importante: os brasileiros foram para as urnas, emocionados, já que depois de anos, poderiam eleger um presidente. Grande parte da população nunca tinha votado com o sistema das diretas e, sendo assim, eu achava que ninguém iria desperdiçar seu voto.

As eleições aconteceram e lógico que tudo mudou. Mas, na minha opinião, pra pior. A inflação diminuiu, mas, em compensação, ministros se demitiram de seus cargos, o povo continuava faminto e o presidente dizendo que tudo iria melhorar.

Passados dois anos, ninguém esperava receber a notícia que esse presidente, que conseguiu trinta e cinco milhões de votos, pudesse roubar o povo de uma forma tão descarada. O pior é que esse homem não foi eleito por intelectuais, ou pessoas de um nível financeiro razoável; ele foi escolhido pelo povo que passa fome, de-

sempregado, sem moradia e com uma condição desumana de sobrevivência.

Novamente, como nas diretas, o povo está indo para as ruas. Dessa vez, eu já tenho condição de ir junto. Vou otimista e alegre por poder participar de um momento tão decisivo. Agora a situação se inverteu: meus pais é que olham para mim emocionados e orgulhosos. É toda uma nação exigindo que um presidente se retire e reconheça que traiu as esperanças ingênuas de um povo que só queria o melhor.

Como Henfil, eu não entendo o que o presidente quer dizer. Também sou fã do Caetano, mas não fico esperando músicas dele que me consolem, pois esse momento não me traz nenhum sentimento antigo. Apesar das explicações de meus pais, tudo é novo, realista. Mas ao mesmo tempo eu tenho sonhos que tudo irá melhorar.



São Vicente faz caminhada alegre pela Zona Sul.

A primeira passeata a gente nunca esquece. Este foi o espírito de cerca de 200 estudantes que, para chegarem à Candelária, organizaram um **arrastão** do Cosme Velho ao Largo do Machado, por iniciativa própria e sem liderança de qualquer maior de idade. Eles ocuparam as ruas com faixas bem-humoradas como "Bonita camiseta, Fernandinho" (a camiseta era listrada de preto e branco, como dos prisioneiros), e desceram a Rua das Laranjeiras ocupando meia pista, para não atrapalhar o tráfego. A caminhada foi até a Estação Largo do Machado do Metrô, onde, em grupos, pularam as roletas sem balbúrdia.

Qualquer semelhança com a minissérie Anos rebeldes foi classificada pelos jovens como mera coincidência: "A gente viu que não adianta ficar parado, porque senão nada acontece de bom", disse a presidente do Grêmio do Colégio São Vicente, Irina Bruscky, 16 anos. "Organizamos tudo hoje e passamos a manhã pedindo adesão de alunos de outros colégios", contou Diego Vaz, presidente do Conselho de Alunos, que dividia

A participação política dos alunos do Colégio repercutiu em toda a imprensa. "A Chama" transcreve para você alguns dos tópicos:

1. O primeiro protesto nunca se esquece (Jornal do Brasil)
2. Com nota dez em cidadania (trechos retirados da Revista de Domingo de 30/08/1992)

O PRIMEIRO PROTESTO NUNCA SE ESQUECE

Texto transcrito do Jornal do Brasil de 00/00/1992



Os alunos do Colégio São Vicente se organizaram sem ajuda de adultos ou partidos. Reprodução de foto da Revista de Domingo nº 852.

com Pedro de Moraes Rego, 16 anos, a coordenação da minipasseata.

Para se protegerem do trânsito, as meninas faziam cordões de isolamento, e apesar da sutil preocupação, aliviavam a tensão gritando "Ai, aiaiai, empurra o Collor que ele cai." A alegria foi irresistível e teve a adesão de ex-alunos do São Vicente, como Bernardo Tura, 24 anos. "Na verdade, a minissérie **Anos rebeldes** deu apenas o impulso. Percebemos que não estávamos fazendo nada, mas com essa situação eu acho que a gente ia se mobilizar de qualquer jeito", disse Flávia Amaral, 17 anos. A passeata ainda ganhou ânimo ao

vaiar um carro de campanha de Amaral Netto.

Ao chegar à Estação Uruguaiana, os estudantes, que ganharam adesão de outras escolas, públicas e particulares, saíram silenciosamente dos trens para tomar a rua ao encontro dos trabalhadores. Foram aplaudidos e injetaram fôlego novo nos mais velhos. Ao final da passeata, exausta, porém feliz, a estudante Cecília Barroso, que segurava uma das faixas feitas pelos alunos do mesmo colégio em que Collor estudou, o São Vicente de Paulo, fez um balanço:

"Nos perdemos, andamos muito, mas valeu a pena".

COM NOTA DEZ EM CIDADANIA

Texto transcrito da Revista de Domingo nº 852 de 30.08.92

Alunos do Colégio São Vicente levavam às ruas a consciência política aprendida na escola.

À frente das passeatas de estudantes no Rio, estavam os alunos do Colégio São Vicente de Paulo, no Cosme Velho, que, com 33 anos de serviços prestados, sempre notabilizou-se por uma postura de vanguarda, seja na didática educacional ou nas manifestações culturais. O mesmo São Vicente onde, durante três anos, estudou o próprio Fernando Collor, que ali foi diretor do jornalzinho *O trole*, periódico que tinha o subtítulo: "Jornal da Turma A, a que não sai da linha."

"É a escola do Rio que melhor acolhe e alimenta a indignação", avalia o diretor de teatro Moacyr Góes, que passou oito dos seus 32 anos no São Vicente.

Resgatando a tradição do colégio, os jovens estudantes se organizaram, pintaram faixas e rostos, e foram às ruas, antes de qualquer outra escola do Rio, pedir o *impeachment* do ex-diretor do jornal *O trole*. Sempre com muita criatividade e bom humor. Não foi à toa que as faixas do São Vicente — como a que estampava a frase "Bonita camisa, Fernandinho" ao lado da ilustração de uma roupa de presidente — tornaram-se estandartes das



manifestações da garotada e acabaram nos principais jornais e revistas do país.

"Nosso movimento não é tietagem

televisiva. Não fazemos passeatas porque achamos bonitinho na TV," rebate a aluna Tereza Alvarez, 16 anos, a autora da faixa bem-humorada."

POR OCASIÃO DAS NOTÍCIAS SUPRA, O DIRETOR DO COLÉGIO RECEBEU OS SEGUINTESTELEGRAMAS:

"EM 68 SAO VICENTE SAIU NA FRENTE E VOLTA NA FRENTE EM 92 TENDO VOCE COINCIDENTEMENTE PILOTO COMOVIDO PARABENS JOAO BATISTA"

João Batista é Psicólogo e ex-professor do Colégio.

"MEUS PARABENS PELA COMOVENTE REPORTAGEM DE DOMINGO. TODA MINHA DEVOCAO E MEU CARINHO PARA ESSA INSTITUICAO LINDA. ORGULHOSAMENTE ALESSANDRA COLASSANTI DE SANT'ANNA"

Alessandra Colassanti é universitária e ex-aluna do Colégio.

UM MOMENTO DE FELICIDADE

Rodrigo Sanches do Valle Silva
Aluno - 3º B

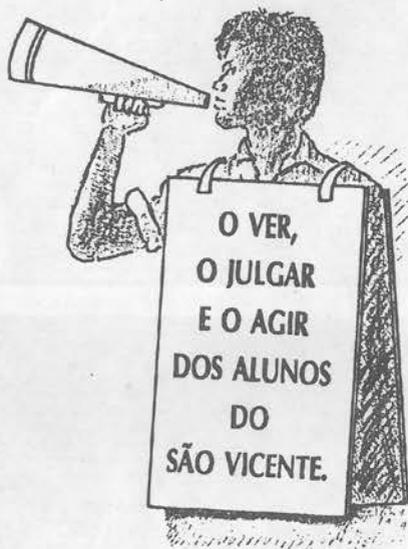
Amocei em casa e depois fui para a concentração da passeata no Colégio São Vicente de Paulo. Quando chegamos no SVP, estavam todos colocando faixas pretas nos seus braços. Havia muita alegria, muita agitação no ar.

Logo começou a caminhada que ia em direção ao Largo do Machado para pegar o metrô.

Apesar de haver muitos alunos, ainda eram insuficientes para sustentar o tamanho da idéia que levavam, por isso, assim que passou um ônibus, eu o peguei para poder assistir à chegada deles na Candelária.

Quando cheguei lá, já havia muita gente, alguns partidos com suas bandeiras erguidas, trabalhadores, estudantes de outros colégios e universitários; mas não havia muita animação, os carros com altofalantes tentavam agitar, mas sem muito sucesso.

Quando os estudantes do SVP, do CEAT e outros chegaram é que a energia apareceu. Só se via uma massa de estudantes com suas faixas erguidas, saindo do metrô, e todos que estavam na Candelária começaram a aplaudir. A força que eles traziam consigo era espantosa, todos



começaram a cantar junto com os estudantes pela queda de Collor.

A caminhada para a Cinelândia começou.

Já havia muita gente e, no meio do caminho, mais e mais pessoas aderiam ao protesto. Não demorou muito para os alunos do SVP e CEAT se transformarem numa parcela mínima

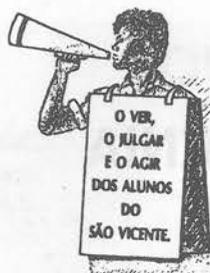
do movimento, ainda assim incitando as pessoas a cantarem junto com eles.

Antes de chegar à Cinelândia, onde ocorreriam os discursos dos partidos políticos, o que ia de encontro com a intenção apartidária do SVP, por volta das 19:00h, meus pés, minha cabeça e meu estômago me chamaram, e, juntos, chegamos à conclusão de que havíamos cumprido com a nossa parte. Falei com meus amigos e voltei para casa.

No dia seguinte, viam-se as faixas do SVP nas manchetes dos jornais; no domingo nós éramos capa da Veja.

O São Vicente marcou sua presença, ressurgiu, nasceu de novo.

Parabéns e muito obrigado pela felicidade que nos trouxe e trará.



A CRISE ATUAL

Vinicius Zepeda
Aluno - T. 75

Temos fantasmas a nos governar e eles estão por toda a parte, assombrando-nos, empobrecendo-nos...

Não é o "fantasminha camarada" como pensavam que fosse. Ele comprou o seu "latifúndio" e um exército de demônios. É assim que se pode ver o nosso presidente. Fruto de uma política neo-liberal, com base capitalista, implantada em 44 países do mundo. Essa mesma política, apadrinhada pelo FMI, acredita que piorando a situação de todos, tirando a riqueza que temos, conseguirá livrar-nos da dívida externa. Pensam que assim renascemos das cinzas.

Para concretizar esta estratégia política, teremos que abdicar de um ensino de qualidade dos colégios públicos, aceitar horrores de mensalidades nas escolas particulares. Privatizar as universidades federais e estaduais e delegá-las à escória da administração atual, ou seja, os ratos rábulas da administração.

Por enquanto, todos sofrerão, mas o Brasil vai renascer, embora perdendo seu mercado internacional e com a morte de milhares de pessoas.

Mas, tudo bem. Eles, as milhares de pessoas e aposentados que morrerão, irão para o céu e verão:

— Meu presidente foi um san-



to. Salvou o Brasil!

Como é bom sonhar! Mas a realidade é outra. Nada sobre o céu é concreto.

Acreditemos mais em nós mesmos, pois o poder de mudar não está num psicótico qualquer e, sim, em nós.

E, nesse caso, sejamos pessimistas, não há céu, a vida é uma só e o céu está aqui, só depende de nós.

Digamos não a Collor, não somente pelo enriquecimento por meios ilícitos de sua quadrilha, nem por toda essa miséria que vêm, esta quadrilha, e o presidente, jogando-nos ao rebotinho da vida e da existência.

O povo está nas ruas e o fato do pedido de *impeachment* ter tido uma vitória tão favorável não foi por "bom senso" dos políticos, mas sim, pelo fato de se sentirem completamente atônitos e despidos pe-

rante a nação.

Os estudantes voltaram às ruas (será que perderam o rótulo de "geração coca-cola" ou foram apenas influenciados por um seriado global?) Bom, estou colocando minha fé no axioma: "Está renascendo o movimento estudantil!" Em reunião realizada ontem na sede da AMES, ficou claro que a maioria não aprovou o fato do comparecimento do Sr. Lindenberg Farias na pas-

seata do PDT, já que agora, para muitos, o nome de Lindenberg está associado ao PDT.

Como presidente da UNE, mesmo sendo do PC do B, não deveria ter assumido uma posição brizolista, sem o apoio dos estudantes. É anti-democrático.

Além disso, ficou decidido anteriormente pela AMES que seria adotada a postura do "Fora Collor, plano neo-liberal e eleições gerais".

Minha gente, aonde estamos com a cabeça? A Constituição diz que, em caso de *impeachment*, quem assume é o vice-presidente!

Se, com Itamar, a situação ficar igual, sabemos que a coisa começará a tender para o outro lado (revolução), pois o descontentamento e insatisfação será geral, mas, pela primeira vez, estaremos do lado da Constituição e ela foi feita por nós; ela é boa; vamos segui-la!



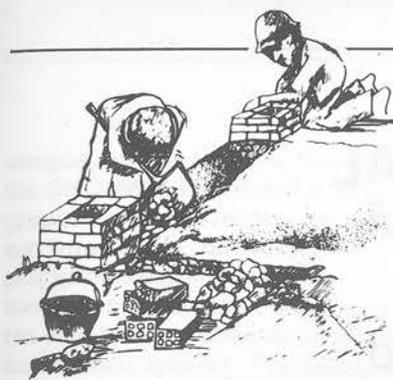
ESQUIZOFRENIA

Alessandra Novas
Aluna - T. 75

*Venha amigo!
Junte-se a nós em nosso mundo imaginário
Onde homens são criados
E Pátrias, realmente, amadas.
Aqui você pode.
Aqui você é
o Deus de seu próprio mundo.
O mundo maravilha
A que todos queremos
Mas não temos a capacidade de ter/criar.
Você sim.
Você o tem.
Mas tenta fugir
Não pode fugir de suas fantasias*

*Pode fazer a Terra parar
nos seus trilhos
Pode tornar-se invisível ou muito pequeno.
Pode tornar-se gigantesco e alcançar as coisas
Mais longínquas.
Pode mudar o curso da natureza.
Pode colocar-se em qualquer lugar
no espaço ou no tempo.
Pode convocar os mortos
Pode perceber o que aconteceu noutros mundos
no mais fundo de sua mente,
e da mente dos outros.
Você pode.
Você é.*

*É sua única saída
Desta vida rotineira
da loucura que paira no ar
Esta é a única saída
Desta insana e louca vida.*



QUEM TRABALHA NO SÃO VICENTE

ADMINISTRAÇÃO: Dinah Ribeiro Costa (licença); **ALMOXARIFADO:** Antonio Luiz de Andrade, Rosane Rocha da Silva; **BIBLIOTECA:** Claudia Helena Garicoi da Costa, Dirlene Ferreira Kinup, Maria Eliane de Oliveira Figueiredo, Maria José Bustamante Soares; **CENTRO PROCESSAMENTO DE DADOS:** Rosemaria Verônica de Araújo Pereira, Rozani Clementina do Nascimento; **DEPARTAMENTO PESSOAL:** Andrea Severiano Vieira da Cruz, Humberto Pedro Barbosa Areas, Marly Marreiro do Nascimento Januário, Rozilda Sanches da Rocha; **COORDENAÇÃO DE DISCIPLINA:** Sueli Rangel Maia, Walmiria Britis Braga; **DISCIPLINA:** Alcyr Barreto Ribeiro, Cristina Muniz Gonçalves, Elizabeth Damaso dos Santos, Inésia Maria da Conceição Mendonça, João Cléber de Souza, José Maria da Silva, Josias Gomes Godoy, Josuel Batista Araújo, Leila Gomes Ferreira de Paulo, Maria da Glória da Rocha Cabral, Marlene Maria de Figueiroa, Raquel da Silva Andrade, Rubem Mauro do Couto, Sebastião Eustáquio Moreira; **AUXILIAR DE COORDENAÇÃO:** Lúcia Maria Gomes da Silva, Rita de Lusie Mendes da Costa; **ENFERMARIA:** Márcia Ferreira do Nascimento; **MOTORISTAS:** Antônio Soares de Oliveira, Severino Pereira da Silva; **MECANOGRAFIA:** Antônio Moraes Silva, Graça Maria Belo do Rosário, Lígia Graça Nunes Neves, Marly Gomes Correa; **PORTARIA:** Antônio Miguel da Silva, Aristides José de Souza, Iranilson de Sant'Anna Leite, Josileuco de Macedo Ramos, Marco Antonio Silva de Amorim, Rita de Cássia Alves da Silva, Sérgio Luiz Silva; **SECRETARIA:** Ivonete Costa Andrade, Leda Carneiro, Sonia Freire de Castro, Vânia Maria de Magalhães Castro Remy, Willian Alves dos Reis; **TESOURARIA:** Lenilda de Souza, Maria Cristina Petiz; **SERVIÇOS GERAIS:** Antônio Silva Moreira, Carlos Severiano Dantas, Maria Amélia do Nascimento Lima, Maria da Conceição Santos, Maria do Socorro dos Santos, Maria José Oliveira Silva, Silvéria de Jesus Nascimento; **ASCENSORISTAS:** Antônio Milão Pinto, José Antônio Rosa Gonçalves; **SER-**

VIÇOS OPERACIONAIS: Araciema de Moura Neves, Darcy Moreno da Silva, Eurípes José da Silva, Valério Bartelli; **ZELADORIA:** Bianor Florêncio dos Santos, Carlos Henrique Modesto, Cícero Rodrigues de Almeida, Cosme de Souza, Edson Rodrigues Teixeira, Francisco Félix Pereira, Francisco Pereira da Silva, Geraldo Constantino Teodoro, Gerônimo Cabral da Silva, João Manoel de Souza, Joaquim Batista de Souza (licença), José Alceu Silva, José Darcy Rodrigues, José Pereira de Lima Sobrinho, José Trajano da Silva, Mauro Lima, Severino Firmino de Farias; **COZINHA:** Benedita Souza Caldas Moreira, Gérson Vicente Alves, Helenita Marques Barbosa, Maria Emília Martins Alves, Rita Maria dos Santos Leandro; **PRIMEIRO GRAU I:** Abgail Anália de Moraes Barbosa, Alzemira de Assis Paula, Célia Maria Duque Estrada Meyer Menezes, Cláudia de Carvalho Marçal, Cristiane Coelho Pessanha, Débora Maria Carvalheira Montano, Edna Gonçalves Cardozo, Emília Costa de Almeida, Gisele Pinto Costa, José Eugênio de Macedo, Kedma de Oliveira Silva, Lauro José de Oliveira Basile, Leda Siqueira Machado, Leila Alvarenga Bastos, Liliâne Conceição Ferreira dos Santos, Lúcia Maria Madeira da Costa, Márcia de Assis Vieira, Márcia Lima Vitória de Abreu, Maria Celeste Reis Braga, Maria Cristina Maciel Teixeira, Maria Lúcia Vasconcelos Gomes, Marlene Lydia Bluhm, Neuza de Freitas Bastos, Nôemia Bittencourt Cavalcanti, Rosana Mota, Sandra Maria Motta Marques, Sonia Maria Sousa Guimarães, Verli Aparecida Lopes Pezzotti, Vilma Gledice Lins Cavalcanti; **PRIMEIRO GRAU II E 2º GRAU:** Adahyl Lourenço, Alexandre Rodrigues Junqueira, Almir Terceiro Telles, Ângela Maria Paiva Guimarães, Anna Mansur, Antonio Simplício Rosa Farias, Artur Guilherme Carvalho da Motta, Carla di Gregório Porciúncula, Cátia Ferreira de Miranda, Célia Eyer de Araújo, Cláudio Mário Guimarães da Silva, Cléa de Albuquerque Coelho, Clóvis de Figueiredo Neves Filho, Derli Silveira, Dirce de Camargo, Edison Nunes Abreu Teixeira, Edson Boia do Nascimento, Eduardo Fernandes Quadra, Elpidio Targine Veras, Filomena Lúcia Viceconte Cavalcanti, Frederico Lanza, Gerson Vellaco Júnior, Heloisa Pereira

Silva de Carvalho, Hugo de Vasconcelos Paiva, Hugo Santos Martins Pinheiro, Iara Telles Lima Costa, Inah Brider, Ivone Vieira, Jandira Correia Hamacher, João Carlos Rodrigues Gomes, João Chagas de Oliveira Netto, Jorge Ubiraja Marques de Souza, José Antônio de Almeida Mattos, José Carlos Vieira Campos, José Fernando Rodrigues de Sousa, Laurinda de Miranda Barbosa (licença), Luci de Araújo Moura, Luiz Octávio Alves da Silva, Luiz Sérgio Dias, Luiza Regina Mattos Braga, Manoel Vieira, Marçal Versiani dos Anjos, Marco Antônio Gomes de Oliveira Menezes, Margarida Maria Nunes Monteiro, Maria Cláudia de Amorim, Maria Cristina Spínola Pereira Caldas, Maria da Graça dos Santos Vasconcelos, Maria das Neves Oliveira, Maria de Lourdes de Araújo Trindade, Maria de Lourdes Rangel Tura, Maria Eleanora Mateus Caldeira, Maria Eugênia Pondé Trigona, Maria Heloísa de Oliveira Villas Boas Simões, Maria Margarida Cardoso Félix de Souza, Maria Rosa Momesso de Castro, Marlúcia Silva de Oliveira, Mônica Miceli Roque, Nara Barat, Neisa Graça Gomes, Nice Pereira dos Santos Ballado, Nilo Sérgio dos Santos, Nina Maria Vernes Tempone da Cunha, Norma Thereza Moraes Góes de Andrade, Patrícia Mendes Rubim, Paulo Pereira Nascimento, Ricardo Oliveira da Silva, Roberto Vizeu Barros, Rocine Castelo de Carvalho, Rogério Forti, Rose Mary da Mota Oliveira Manhães, Seimar Magalhães Sant'Anna, Sérgio Benedito Maia, Sérgio Luiz Alves Drago, Sheila Dain, Solange Gonçalves Borba, Sueli de Lima Moreira, Wander Francisco de Paula, Wilka Maria Paschoal Correa de Brito, William José Batista, Zacarias Jaegger Gama, Zelina Coelho Sena Delduck, Zulma Guimarães de Góes Telles; **SUPLETIVO:** Adriana Penna Milagres da Fonseca, Ana Cristina Brum de Lucca, Clautenes Antônia Faray Ferreira Lopes, Etienne Guimarães Monteiro, Heucy de Britto Franca Soares, João Coutinho de Barros, José Fernandes da Silva, José Paulo Dias Teixeira, Laerte Martins Guerra, Lúcia de Fátima Nunes Neves Bruyere Monteiro, Maria Alice Ferreira Franca Barradas, Maria Concetta Centola Lamori, Mariza da Silva Nobre, Terezinha Cunha, Wilmary Josemar da Silva.

XIV CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA

EXPERIÊNCIA EM ENSINO RELIGIOSO Colégio São Vicente de Paulo

APRESENTAÇÃO

a) MARIA DA GRAÇA DOS SANTOS VASCONCELLOS

- Pedagoga e Economista
- Professora de Religião e Coordenadora Comunitária do Colégio São Vicente de Paulo
- Professora de Religião, Coordenadora e Vice-Diretora do Colégio Santa Rosa de Lima.

b) SÉRGIO BENEDITO MAIA

- Pedagogo e Bacharel em Relações Internacionais
- Assessor de Pastoral do Colégio Notre Dame
- Professor de Religião e Coordenador Comunitário do Colégio São Vicente de Paulo
- Membro do Conselho Fiscal da AEC/RJ

c) ARTHUR GUILHERME CARVALHO DA MOTTA

- Pedagogo
- Assessor Pastoral da Prefeitura de Educação da Província Mercedária (RJ)
- Professor de Religião e Coordenador Comunitário do Colégio São Vicente de Paulo.

HISTÓRICO

O Colégio São Vicente de Paulo do Rio de Janeiro pertence à Província Brasileira da Congregação da Missão (PBCM), mantenedora da Congregação dos Padres Lazaristas ou, popularmente chamados de Vicentinos, devido a seu fundador, São Vicente de Paulo.

Neste ano de 1992, completou 33 anos de fundação.

Primeiras Intuições

Os inícios do Colégio São Vicente de Paulo foram marcados por situações contrastantes: ao mesmo tempo, pioneirismos e indefinições, ousadias e lacunas, avanços e recuos.

Nasceu no tempo da fundação de Brasília, nasceu e se caracterizou por querer e fazer viver em pequeno o que se vivia em grande escala no Brasil de Juscelino Kubitschek. Para os padres vicentinos (lazaristas), a escola é um campo de missão, é uma mediação do trabalho de formação de consciências maiores (evangelização, abertura das pessoas ao mundo transcendente e do absoluto, orientado para a vida, e não apenas preparação para o vestibular, ou uma profissão). (In "Condições da Congregação da Missão".)

**"Nasceu para educar
na liberdade."**

Quando Medellín chegou... 1968

Já havíamos encontrado, para o Colégio, muito daquilo que ainda hoje nos caracteriza (a estrutura pedagógica, os grêmios dos alunos, a colaboração estreita com as famílias, etc.) quando recebemos, em 1968, os Documentos dos Bispos Latino-Americanos, após a Reunião de Medellín (Colômbia).

O texto sobre Educação foi fundamental para o São Vicente, pois codificava as grandes linhas do esforço de todos e abria caminhos iluminados.

É certo que não conseguimos tudo deste sonho bonito! Nem todos entenderam o que significava a liber-

tação cristã, confundindo-a com liberalismo e deixar as coisas correrem.

Novo impulso com Puebla... 1979

Em 1979, em Puebla (México), mais uma vez os Bispos Latino-Americanos ajudaram os educadores, propondo linhas de ação que vieram enriquecer o projeto educacional do Colégio São Vicente de Paulo.

Frente a uma crise de valores, autoridade, diminuição da força das pessoas-símbolo, com o desmoronamento dos sistemas morais e religiosos tradicionais, tudo isso denunciado em Puebla, nossa reação foi a de trabalhar na linha de fazer emergirem as forças vivas da sociedade e do ser humano. Muitos educadores partiram para a restauração de valores antigos, com superação da indisciplina, da pornografia, etc., impondo disciplina, silêncio, pontualidade, respeito,...

"Violenta crise em 1983..."

1984. E o São Vicente debateu e confirmou o seu projeto de educação libertadora. É nessa base que se compreende como temos explicitado e definido o objetivo do Colégio:

**FORMAR AGENTES DE
TRANSFORMAÇÃO SOCIAL.**

O Ensino de Religião

Uma Pastoral autoritária, disciplinadora e doutrinadora, seria incoerente com a linha do Colégio. E a ênfase em aulas de Religião, ou na obrigatoriedade dos Sacramentos teria pouco fruto junto aos nossos alunos.

Eles gozam, hoje, de uma profusa experiência de vida, em grupos de

amigos, grupos teatrais, nos segmentos do Grêmio Estudantil e, às vezes, grupos políticos e religiosos... poucos, em que fazem, quase sempre, uma precipitada experiência de liberdade e tomam consciência de comportamentos e de transformação de relações que seria irreal ignorar. Precisam, antes de tudo, não de ordem e disciplina, mas de uma opção inspiradora e de uma esperança que lhes dê sentido à existência e ao estudo.

Criação da Equipe de Pastoral

Em 1984, a Direção do Colégio São Vicente criou uma Equipe para coordenar o setor de formação religiosa e ajudar na prática da fé. Quando comemorava os seus vinte e cinco anos.

Hoje, 1992, avançou-se para uma Coordenação Comunitária Pastoral.

História das "Inovações" na área de Pastoral

Em 1983, as aulas de Religião para as oitavas séries saíram do esquema de sala-de-aula para o de "cursos de reflexão semestrais", com temas do interesse dos alunos e dentro dos objetivos da escola.

Nos anos seguintes, as aulas de Religião nas sétimas séries começaram a ter o mesmo esquema.

Em 1984, introduziu-se uma inovação significativa no currículo do 2º ano do 2º Grau, propondo Cursos de Introdução às Ciências Humanas (ICH). O objetivo desta inovação foi

para contribuir, de alguma maneira, para o crescimento qualitativo do Aluno, dentro do objetivo maior que é a formação de "agentes de transformação social"...

Ensino Religioso Para Quê?

O objetivo do Ensino Religioso é ajudar o aluno a formular, em profundidade, o questionamento religioso.

E a dar sua resposta devidamente informado, responsável e engajado.

Este processo começou em 1978, com um nome que não afugentasse muito os alunos: aulas de Reflexão... Era para preencher o vazio deixado por várias experiências e pelo trabalho do ISPAC, que tanto ajudou o Colégio.

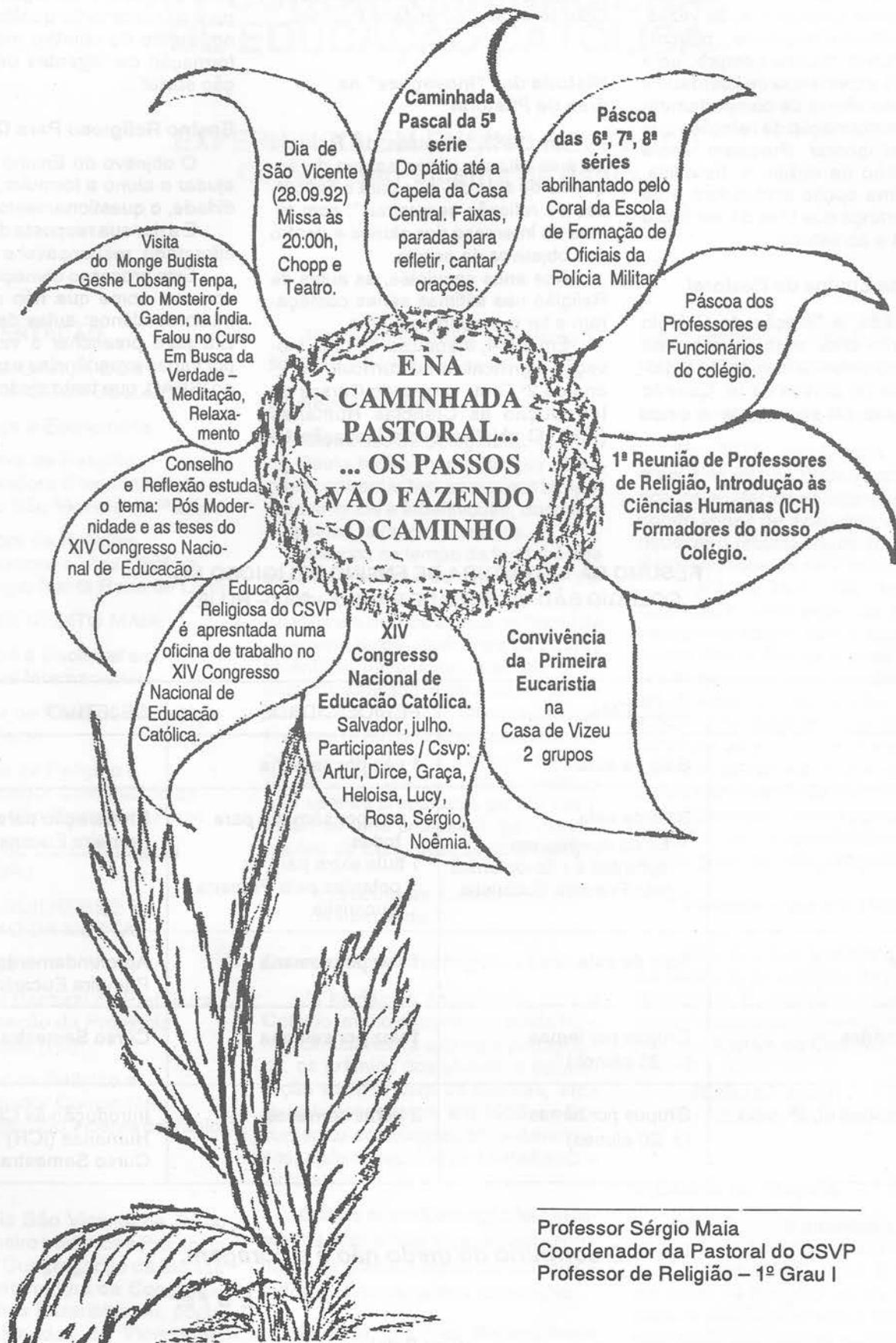
RESUMO DA ESTRUTURA DE ENSINO RELIGIOSO NO COLÉGIO SÃO VICENTE DE PAULO - RIO - HOJE

SÉRIE	ESQUEMA	PERIODICIDADE	OBJETIVO
1ª à 4ª	Sala de aula	1 vez por semana	
5ª série	Sala de aula • turma dividida em optantes e não-optantes pela Primeira Eucaristia	1 vez por semana para todos 1 aula extra para os optantes pela Primeira Eucaristia	Preparação para a Primeira Eucaristia
6ª série	Sala de aula	1 vez por semana	Aprofundamento da Primeira Eucaristia
7ª e 8ª séries	Grupos por temas (± 25 alunos)	1 vez por semana	Curso Semestral
1ª e 2ª séries do 2º grau	Grupos por temas (± 20 alunos)	2 horas semanais	Introdução às Ciências Humanas (ICH) Curso Semestral

"O contrário do medo não é a coragem.

É a Fé."

(Frei Beto)



**E NA
CAMINHADA
PASTORAL...
... OS PASSOS
NÃO FAZENDO
O CAMINHO**

- Visita do Monge Budista Geshe Lobsang Tenpa, do Mosteiro de Gaden, na Índia. Falou no Curso Em Busca da Verdade - Meditação, Relaxamento**
- Dia de São Vicente (28.09.92) Missa às 20:00h, Chopp e Teatro.**
- Caminhada Pascal da 5ª série**
Do pátio até a Capela da Casa Central. Faixas, paradas para refletir, cantar, orações.
- Páscoa das 6ª, 7ª, 8ª séries**
abrilhantado pelo Coral da Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar
- Páscoa dos Professores e Funcionários do colégio.**
- 1ª Reunião de Professores de Religião, Introdução às Ciências Humanas (ICH) Formadores do nosso Colégio.**
- Conselho e Reflexão estudada o tema: Pós Modernidade e as teses do XIV Congresso Nacional de Educação.**
- Educação Religiosa do CSVP é apresentada numa oficina de trabalho no XIV Congresso Nacional de Educação Católica.**
- XIV Congresso Nacional de Educação Católica.**
Salvador, julho.
Participantes / Csvp: Artur, Dirce, Graça, Heloisa, Lucy, Rosa, Sérgio, Noêmia.
- Convivência da Primeira Eucaristia na Casa de Vizeu 2 grupos**

Professor Sérgio Maia
Coordenador da Pastoral do CSVP
Professor de Religião - 1º Grau I

CONTO DO VIGÁRIO

Jorge Ubiraja
 Professor de Química do 2º Grau
 Coordenador de Ciências do 2º Grau do CSVP

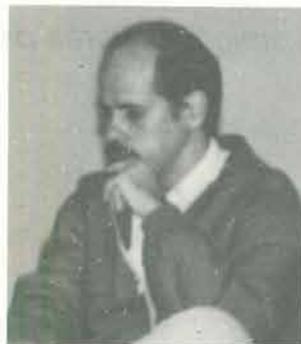
*Hoje vivo acontecimentos,
 atos de anjos violentos
 que roubam prá sobreviver
 e matam, até por prazer,
 pois não brincaram na raiz
 nem perceberam a mãe feliz.
 São desprovidos de encantos.*

*Deparo com homens tão santos.
 Vão à missa dominical.
 Ajudam doentes e pobres.
 Acumulam mais capital.
 Fabricam doentes e pobres,
 sem terra, sem casas, com fome.
 Vivem da exploração.*

*Agrava-se a contradição.
 Aos olhos se repetem cenas
 de miséria e ostentação.
 Vejo sonhos em rostos jovens,
 mas no outono da vida, apenas
 sofrimento e desilusão.
 Vem do Gênesis o problema.*

*Caem as dúvidas sobre o tema.
 O velho brado do riacho
 não retumbou o necessário.
 Mudou tão somente a metrópole.
 Pareceu conto do vigário.
 Precisamos voltar ao lema:
 Libertação se torna urgente!*

*Da teoria para a prática,
 uma montanha colossal.
 A monstruosa mídia mágica
 vendendo o marasmo geral.
 Correr campos e subir morros
 transformando fraqueza e dor
 é tarefa que não tem cor.*





BOAS FESTAS

"Todos os limites da terra viram a salvação de nosso Deus... Regozijai-vos na presença deste Rei que é o Senhor. Os rios baterão palmas e os montes se alegrarão à vista do Senhor." (Salmo 97)

Bem inspiradora, para o tempo de Natal esta alegria "ecológica" do salmista, pois, "ecológicas" foram as circunstâncias em que Jesus veio ao mundo: "Maria deu à luz em seu primogênito, enfaixou-o e o reclinou numa manjedoura, perto do campo onde os "pastores guardavam os rebanhos noite adentro" (Lc. 2.7/8). Menos animadora, entretanto, a motivação: "não havia para eles lugar na hospedaria" (ib) ou, conforme o Evangelho São João: "veio ao que era seu e os seus não o receberam."

E assim, o contemplamos recém-nascido, sem moradia, "sem onde repousar a cabeça." (Mat. 8.20).

Dois mil anos depois, multidões de outros Cristos vegetam, sofredores, mal acolhidos, **sem moradia**. A Campanha da Fraternidade de 93, com o tema "Fraternidade e Moradia", nos ajudará a penetrar nesse labirinto social.

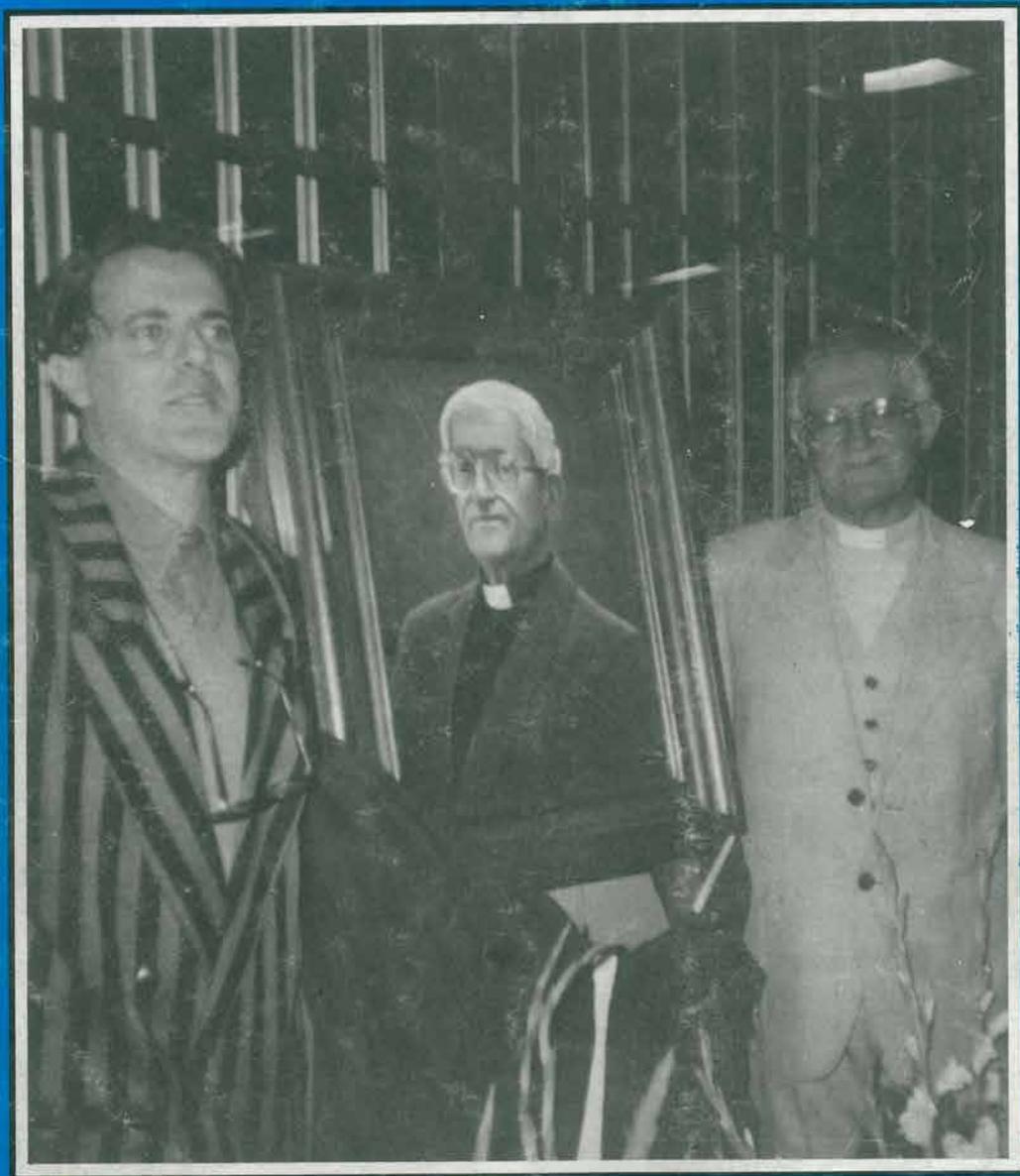
Ao nos desejarmos Feliz Natal, pensemos já em tal realidade e quem sabe, na atitude cristã que ela possa inspirar-nos.

Será, então, mais verídico o "Feliz Natal" que formularmos e que aqui, em nome do Colégio São Vicente de Paulo-Rio, de coração lhes desejo.

Queridos amigos, leitores de A CHAMA,

**BOAS FESTAS,
FELIZ 93.**

Pe. José Pires de Almeida, CM
Pe. José Pires de Almeida, CM
Diretor



INAUGURAÇÃO DO QUADRO DO DIRETOR DO CSVP — PE. JOSÉ PIRES DE ALMEIDA — EM 28.08.1992 PINTADO POR ANTÔNIO CARLOS VALENÇA, ALUNO DA 1ª TURMA DO COLÉGIO — DEZEMBRO DE 1966.